


PEDAGOGIA CULTURAL EM POEMAS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS



Renata Olson Heinzelmann Bosse



Porto Alegre 

2014



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Renata Ohlson Heinzemann Bosse

PEDAGOGIA CULTURAL EM POEMAS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Porto Alegre
2014

Renata Ohlson Heinzemann Bosse

PEDAGOGIA CULTURAL EM POEMAS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientação: Profa. Dra. Lodenir Becker Karnopp

Linha de pesquisa: Estudos Culturais em Educação

Porto Alegre
2014

CIP - Catalogação na Publicação

Heinzelmann, Renata Ohlson Heinzelmann Bosse
PEDAGOGIA CULTURAL EM POEMAS DA LÍNGUA BRASILEIRA
DE SINAIS / Renata Ohlson Heinzelmann Bosse
Heinzelmann. -- 2014.
122 f.

Orientador: Lodenir Becker Karnopp.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2014.

1. Literatura Surda. 2. Poema em língua de sinais.
3. Pedagogia Cultural. 4. Surdos. 5. Estudos
Culturais em Educação. I. Karnopp, Lodenir Becker,
orient. II. Título.

Renata Ohlson Heinzemann Bosse

PEDAGOGIA CULTURAL EM POEMAS DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 06 jun. 2013.

Prof. Dr. Lodenir Becker Karnopp – Orientadora

Profa. Rosa Hessel Silveira (PPGEDU/UFRGS)

Profa. Dra. Liliane Giordani (FACED/UFRGS)

Profa. Dra. Rachel Sutton-Spence (Bristol University/ Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC)

*Dedico esta dissertação a Comunidade Surda,
local onde cresci e aprendi a importância da
Literatura Surda para a vida.*

Ao concluir este trabalho, quero agradecer ...

Primeiramente quero agradecer a Deus por ter me ajudado a trilhar o caminho até o mestrado, como um milagre tudo está acontecendo da melhor maneira possível. Mas tudo tem um começo, meu caminho se inicia no nascimento, por isso agradeço a minha mãe Susana Maria Olhson Heinzelmann pela vida, por estar sempre ao meu lado, lutando junto comigo, acreditando no meu futuro, me apoiando sempre que eu preciso.

Agradeço a professora Lodenir Karnoop, minha orientadora, que me conhece desde a infância quando estudava na escola Concórdia, ela me ensinou muito, seu conhecimento foi, e é, fundamental pra mim.

Desejo muito agradecer meu esposo Alexandre Dale Couto pela confiança, apoio, esforço e cuidado que sempre dedicou à mim. Obrigado por entender que, em vários, momentos precisava estar focada nos estudos, leituras e tudo que envolve o mestrado. Obrigado por cuidar dos nossos filhos, Ana Luiza Heinzelmann Couto e Eduardo Heinzelmann Couto, eu sei que cuidar de duas crianças não é fácil, mas foi a união da nossa família que tornou tudo possível.

Para finalizar, agradeço a todas pessoas, professores, colegas e intérpretes, que participaram dessa construção, eram nos momentos que me faltavam as palavras que sempre podia contar com cada uma de vocês. A compreensão e respeito por minha primeira língua, a língua de sinais, foi essencial para o processo.

PÁGINAS DA VIDA

*Menino ou Menina, meninaaa
ouvinte ou surda, surdaaaa
ouvir com meu coração*

*Mãos, mãos, viva
crescer, crescendo...
vida eterna com as mãos.*

*Cada segundo, minuto, hora
Cada dia, semana, meses e anos
Sem mãos não sobrevivo.*

RESUMO

A presente dissertação de mestrado insere-se no campo dos Estudos Culturais em Educação e consiste na análise de poemas em língua de sinais brasileira (Libras). As perguntas que norteiam a pesquisa são: como a poesia surda usa a língua de sinais e quais os temas que privilegia? Em outras palavras, o que dizem os poemas e como dizem? E como a poesia surda produz sentidos através da língua de sinais? A partir dessas perguntas, tracei como objetivos: (1) investigar poesias em língua brasileira de sinais, contribuindo com investigações sobre a literatura surda no Brasil; (2) desenvolver um estudo linguístico dos elementos presentes na produção poética; (3) analisar as experiências narradas nos poemas em língua brasileira de sinais; (4) apresentar o que os poemas carregam como ensinamentos. Analisei dez poemas, e para realizar a escolha visualizei setenta e dois (72) poemas, parte do meu arquivo pessoal, mas também retiradas do banco de dados do projeto “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira” (KARNOPP, KLEIN e LUNARDI-LAZZARIN, 2012), do site literatura surda e do *YouTube*. A metodologia para o desenvolvimento do trabalho foi de coleta de poemas e posterior análise, sob o viés linguístico e cultural, verificando as questões fonológicas e léxicas expressas nos poemas, e da Pedagogia Cultural. Como resultados das análises, consideramos os objetivos elencados e destacamos que, no uso dos sinais, a recorrência de neologismos e o uso de classificadores. Nas análises das experiências narradas, Ser Surdo e Orgulho Surdo foram temas frequentes nos poemas que contam o sofrimento presente no processo histórico da comunidade surda, bem como as lutas realizadas pelos surdos e a defesa da língua de sinais. O modelo do professor surdo na constituição da identidade surda e o curso de Letras-Libras são marcos de salvação do povo surdo. Na análise sobre os ensinamentos dos poemas, a Pedagogia Cultural possibilitou a compreensão dos poemas ABC e números como meios de expressão da celebração da comunidade surda através da riqueza estética dos poemas em língua de sinais, bem como a valorização das experiências surdas.

Palavra-chave: **Literatura Surda, Poema em língua de sinais, Pedagogia Cultural, Surdos, Estudos Culturais em Educação**

ABSTRACT

This dissertation falls within the field of Cultural Studies in Education and focuses on an analysis of Brazilian Sign Language (Libras) poems. The questions guiding the research are: how does deaf poetry use sign language and what themes does it privilege? In other words, what do the poems say and how they say it? And how does deaf poetry create emotions and feelings through sign language? These questions led to the following objectives: (1) to investigate Brazilian poetry in sign language, contributing to research on deaf literature in Brazil; (2) to develop a linguistic study of the elements present in poetic production; (3) to analyze the experiences narrated in Brazilian sign language poems; (4) to present the poems as a tool for teaching. I analyzed ten poems, selected from seventy-two (72) collected as part of my private collection, and also taken from the "Production, Circulation and Consumption of Brazilian Deaf Culture" project database (Karnopp, KLEIN and LUNARDI -Lazzarini, 2012), the website "deaf literature" and YouTube. The methodology for the study was the collection of poems and subsequent analysis from linguistic and cultural perspectives to investigate the phonological and lexical elements expressed in the poems, and Cultural Pedagogy. In the results of the analysis, we consider the stated objectives and highlight the use of signs, the recurrence of neologisms and the use of classifiers. Analysis of the experiences narrated showed that "Being Deaf" and "Deaf Pride" were common themes in the poems that recount this historical process in the deaf community suffering, as well as the struggles fought by deaf people and the defense of sign language. The role of the deaf teacher in the formation of deaf identity and courses studying Libras represent the salvation of deaf people. In the analysis of what the poems teach, Cultural Pedagogy as used to understanding the 'ABC' and 'numbers'-based poems as means of expression of the celebration of the deaf community through the aesthetic richness of the poems in sign language as well as the appreciation of deaf experiences.

KEYWORDS: Deaf Literature, Sign Language Poem, Cultural Pedagogy, Deaf people, Cultural Studies in Education

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Poesia escrita	20
Imagem 1: Amig@ natureza.....	30
Figura 2: Poesia criança e adultos surdos	36
Imagem 2: Branca de Neve e os Sete Anões.....	37
Figura 3: Poesia Amor	37
Figura 4: Identidade Surda.....	44
Imagem 3: Fragmento do poema <i> você precisa ser surdo para entender</i>	53
Imagem 4: <i>Formatura</i>	59
Imagem 5: Unidades que compõem sinais.....	61
Imagem 6: <i>O modelo do professor surdo</i>	62
Imagem 7: Expressão facial de um poema	64
Figura 5: CM recorrente em poema	65
Imagem 8: Poesia “ <i>Mão aberta, mão em garra</i> ”	65
Imagem 9: Neologismo em um poema.....	68
Figura 6: Poema Concreto	69
Figura 7: Poema concreto: Ensaio sobre a cegueira.....	69
Imagem 10: <i>O balê das mãos</i>	70
Figura 8: Duas configurações de mão.....	71
Imagem 11 : Mundo.....	71
Imagem 12: Classificadores	72
Imagem 13: Um animal no poema	73
Imagem 14: Uma tartaruga.....	73
Imagem 15: Espaço de enunciação em língua de sinais	74
Imagem 16: Exemplo do espaço/locação.....	74
Imagem 17: O olhar seguindo as marcações espaciais.	74

Imagem 18: Poetas do natal em língua de sinais.....	84
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Temáticas encontradas em poemas (criação)	52
Tabela 2: Algumas temáticas encontradas em poemas (traduções)	53
Tabela 3 – Análise da utilização do espaço de 4 poemas	62
Tabela 4 – Movimento realizado em um poema	63
Tabela 5: Poema com as mãos abertas	66
Tabela 6: Poema com configurações de mãos semiabertas	67

SUMÁRIO

BAÚ ENCONTRADO: por uma introdução	14
1. LITERATURA NA EDUCAÇÃO DE SURDOS	18
1.1. MINHA EXPERIÊNCIA COM A LITERATURA	18
1.2. EDUCAÇÃO BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO DE SURDOS.....	21
1.3. CURRÍCULO ESCOLAR: ONDE ESTÁ A POESIA?.....	25
2. LITERATURA SURDA E ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO	32
2.1. ESTUDOS SOBRE LITERATURA SURDA.....	33
2.2. TRAÇOS DAS POESIAS EM LÍNGUA DE SINAIS.....	42
3. BAÚ ESTÁ ABERTO	48
3.1. ROLETA DOS POEMAS: ANÁLISES.....	50
3.2. ASPECTOS LINGUÍSTICOS	59
3.2.1. Aspectos fonológicos	61
3.2.2. Aspectos lexicais.....	64
3.3. EXPERIÊNCIAS NARRADAS	75
3.4. O QUE OS POEMAS NOS ENSINAM?.....	82
BAÚ DE POESIAS ESTÁ PRESTES A SER FECHADO	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90
ANEXO	98
ANEXO A: DVD dos poemas	98
ANEXO B: Tabelas dos poemas em língua de sinais	100
ANEXO C: Tabelas das minhas análises	110
ANEXO D: Modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	119

BAÚ ENCONTRADO: por uma introdução

Esta dissertação insere-se no campo dos Estudos Culturais em Educação e consiste na análise de poemas em língua de sinais brasileira (Libras). A escolha deste tema para pesquisa se justifica pela minha experiência escolar e formação acadêmica na área de Letras-Literatura e Letras-Libras. As filmagens guardadas ao longo da minha formação sempre me emocionam e me despertaram o interesse em analisar as produções poéticas.

A literatura surda tem grande importância dentro da cultura surda, mas não se trata somente de literatura em língua de sinais. Existem manifestações culturais dos surdos que são desenvolvidas e não só copiadas da literatura produzidas por pessoas ouvintes. Por mais que as pessoas surdas, através do convívio com ouvintes, em seu ambiente de trabalho ou com a família, façam uso de formas diferenciadas de comunicação, por vezes utilizam uma associação de língua oral com língua de sinais, a fim de entender o mundo e se relacionar com as pessoas ouvintes; no entanto, a forma de produção cultural permanece diferente, ou seja, apresenta singularidades e ocorre predominantemente na língua de sinais.

A experiência visual caracteriza a cultura surda e modifica também a forma de entender e produzir literatura. Pesquisas sobre a literatura surda estão se construindo no Brasil a partir de vários autores, como Karnopp (2006), Silveira (2000), Mourão (2011), Muller (2012), Rosa (2011), e Schallenberger (2011), Silveira (2013) entre outros.

Para a escolha dos poemas, visualizei setenta e dois (72) poemas, parte do meu arquivo pessoal, mas também retiradas do banco de dados do projeto “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira”, do site literatura surda¹ e do *YouTube*.

Para a análise dos poemas em língua de sinais, é preciso fazer escolhas, tendo como base outros estudos desenvolvidos na área. Optei pela produção de glosas – um sistema de anotação em que uma palavra traduz aproximadamente o significado de outra – no processo de tradução dos poemas, para aproximar o leitor do que está sendo produzido em língua de sinais e, finalizando, apresento análises dos poemas sinalizados. De certo modo, utilizei estratégias de análise, a partir do

¹ Disponível em: <http://www.literaturasurda.com.br/>

trabalho de descrição de vídeos produzidos em língua de sinais, já que o material empírico que analiso necessita dessa aproximação entre uma língua e a outra, para o desenvolvimento da pesquisa. É interessante que a maioria das produções culturais surdas utilizam vídeos como formas de registro, por exemplo, o projeto da Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira (KARNOPP, KLEIN, LUNARDI-LAZZARIN, 2012) encontrou 77,4% de materiais que utilizaram filmagens em vídeo como recurso e forma de registro.

A metodologia para o desenvolvimento do trabalho é de coleta de poemas em língua de sinais brasileira coletados nos espaços descritos anteriormente e a tradução dos mesmos para posterior análise. As análises focalizam as questões linguísticas, os ensinamentos que estes poemas carregam e nas as experiências narradas nos poemas. Dessa forma estabeleço relação sobre a importância da Literatura Surda na educação dos surdos.

As perguntas que norteiam a pesquisa são: como a poesia surda usa a língua de sinais e quais os temas que privilegia? Em outras palavras, o que dizem os poemas e como dizem? E como a poesia surda produz sentidos através da língua de sinais? Assim, pretendo apresentar nas próximas seções as formas de análise tanto do que os poemas dizem, quanto da forma como eles dizem.

A partir dessas perguntas, meus objetivos de pesquisa são: (1) investigar poesias em língua brasileira de sinais, a partir da produção e estudos dos poemas em língua de sinais, contribuindo com investigações sobre a literatura surda no Brasil; (2) desenvolver um estudo linguístico dos elementos presentes na produção poética; (3) analisar as experiências narradas nos poemas em língua brasileira de sinais; (4) apresentar o que os poemas carregam como ensinamentos.

Para dinamizar a leitura e compreensão das análises, apresento a organização da dissertação nas linhas a seguir.

Início o primeiro capítulo, intitulado *Literatura na educação de surdos*, tratando da organização da disciplina de literatura proposta nas escolas de surdos, das produções escritas à produção poética sinalizada. Apresento a minha experiência para narrar as mudanças e permanências vivenciadas na disciplina de literatura. Proponho desenvolver uma reflexão sobre o currículo articulando as questões abordadas por Silva (2002 e 1996), Silveira (2006 e 2008), Santos et al (2011), Hall (1997) e outros aurores que tratam das discussões sobre a disciplina de literatura e

temáticas gerais sobre o currículo escolar. Procuo abordar as questões referentes ao bilinguismo, utilizando autores como Cavalcanti (1999), Romaine (1995) e Megale (2005) como forma de refletir e contribuir no debate sobre a produção poética realizada de forma escrita e sinalizada. Para pensar o bilinguismo e as modificações metodológicas que permearam a história da educação de surdos, dialogo com Wrigley (1996), Karnopp (2012) e Skliar (1998), que trabalham na perspectiva da diferença. Desta forma, considero que o bilinguismo se apresenta como proposta educacional para atingir a valorização da língua de sinais no espaço escolar.

O segundo capítulo, *Literatura surda e estudos culturais em educação*, compõe o capítulo do trabalho dedicado à apresentação dos Estudos Culturais como campo interdisciplinar de estudos, tendo a cultura como conceito central para as análises. Nesse sentido, as leituras de Hall (1997), Silveira et al (2012) entre outros autores, são importantes para este estudo. Da mesma forma, o capítulo discute as produções poéticas em língua de sinais das comunidades surdas, caracterizando as diferenças entre literatura sobre Surdos, literatura em língua de sinais e literatura surda, tendo como base os estudos de Sutton-Spence (2013) e Karnopp (2006), para subsidiar minhas análises.

Na análise das produções da literatura surda, desenvolvida no segundo capítulo, opto pela organização do material conforme proposta apresentada em Mourão (2011), categorizando as produções poéticas em diferentes formas: adaptações, traduções e criações. Analiso, nesta pesquisa, as produções identificadas como criações, através da seleção de dez (10) poemas, extraídos das fontes referidas anteriormente. Identifico poemas como criações, aqueles que têm caráter inédito, que exploram o uso da língua de sinais de um modo estético, visualmente diferenciado do uso cotidiano da língua. Além disso, os poemas podem explorar temáticas variadas; no entanto, um critério adicional foi a seleção de poemas que trazem de modo recorrente a língua de sinais como forma de produção e valorização da cultura surda articulando a importância da literatura nas escolas, assim como aborda Goldstein (1999).

No capítulo final, *Baú está aberto*, apresento os poemas selecionados, em um quadro que dinamiza a compreensão dos espaços visitados, e apresenta as análises da produção poética, ou seja, os recursos linguísticos utilizados, bem como as temáticas abordadas em cada um. Para análise dos recursos linguísticos utilizo

Quadros e Karnopp (2004), Sutton-Spence (2001) e outros autores que dialogam com estas teorias sobre a temática. Os elementos linguísticos que serão trabalhados referem-se à fonologia e o léxico.

Exploro a maneira como os poemas se utilizam da linguagem e como estes chegam a ensinar algo através de suas formas. Para tanto é necessário estar em contato com essas produções, envolver-se com elas, a fim de perceber o que dizem, o que propriamente é ensinado através delas. Trabalho na perspectiva de experiências narradas observando a descrição do “Ser Surdo” – *Deafhood* - por Perlin e Miranda (2003) e a temática do Orgulho Surdo desenvolvido por McCleary (2003). Ainda, tratando da importância da literatura no espaço escolar, apresento aspectos que abordam a educação de surdos sob o olhar da Pedagogia Cultural, presente nos escritos de Costa e Andrade (2013).

A partir da relação entre os elementos desta dissertação, histórias narradas, questões linguísticas e o que os poemas ensinam, procuro apresentar uma articulação entre os Estudos Culturais em Educação e os poemas em Libras, nas considerações finais.

Saliento, por fim, a importância de anexar a esta dissertação as produções poéticas em língua brasileira de sinais, as quais estão disponíveis em DVD. Tal importância se justifica pela necessidade de o leitor acompanhar a leitura deste texto e o material empírico selecionado que está contemplado nas análises que proponho nos capítulos seguintes.

1. LITERATURA NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

1.1. MINHA EXPERIÊNCIA COM A LITERATURA

Nasci surda e frequentei a Escola Especial Concórdia desde os primeiros meses de vida. Cresci falando com as mãos, em meio a métodos de treinamento da fala, mas sempre fui uma surda sinalizante. As aulas iniciavam no mês de março. Um mês maravilhoso, pois reencontrávamos os colegas, as professoras, tínhamos materiais novos e a temperatura ótima, nem muito frio, nem calor. Nessa escola, recebi o aprendizado e as lições para minha vida. Conheci sobre a minha cultura e a forma de ser e viver das comunidades surdas.

Em casa, sempre tive o apoio de minha mãe. Ela me auxiliava nos estudos e nos deveres de casa, durante duas horas; só depois poderia sair para brincar com os vizinhos. Cresci tendo a oportunidade de fazer coisas das quais tinha vontade, e que a escola oferecia, por exemplo: participar da dança folclórica, grupo de teatro e aulas de balê. Através dessas atividades tínhamos oportunidade de conhecer outros espaços, pois fazíamos diversas apresentações e viagens, e principalmente, utilizávamos a língua de sinais.

Na escola, a leitura, como prática de construção de um leitor, nunca foi algo desenvolvido e estimulado pelos professores até as séries finais do Ensino Fundamental; diria mais, até a 8ª série nenhum professor havia exigido a leitura completa de um livro para mim e meus colegas. Recordo que o primeiro livro lido como exigência da escola foi “O Vôo da Gaivota”, de Emanuelle Laborit. Não aprendi a ler os livros na escola, mas na minha casa, como a minha mãe. As leituras não eram nada fáceis, pelo contrário recordo que a leitura do “O Pequeno Príncipe”, de Antoine Saint-Exupéry, foi extremamente difícil e sofrida.

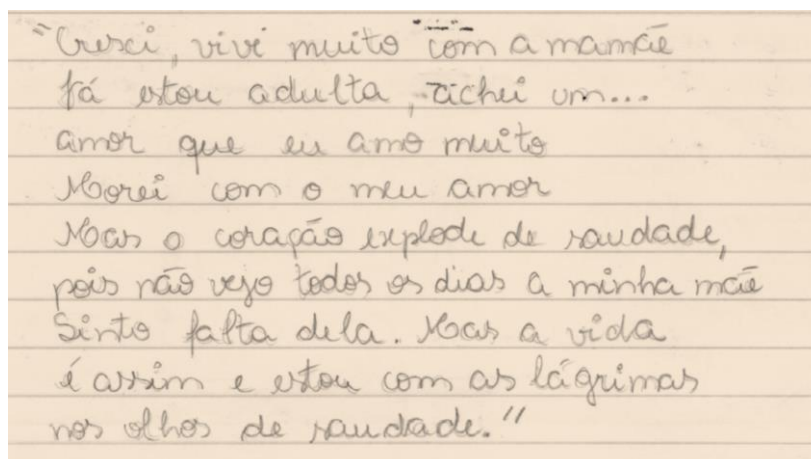
Em algumas leituras recebia o auxílio de minha mãe para compreender as histórias, mas “O Pequeno Príncipe” foi diferente, lia e relia e as palavras não faziam sentido. Sei que se trata de uma história no espaço, minha mãe tentou me explicar, mas a dificuldade de comunicação impossibilitou conhecer o universo ficcional daquela história. Naquela época, meu entendimento era de que poderia haver somente uma leitura, fechada, asséptica. O tempo passou, e a vontade de

compreender o que se passa no mundo das palavras escritas me desafiou a ler cada dia mais. Comecei a me deparar com os limites de tradução, com as múltiplas possibilidades de entendimento de um poema, de uma história, com as reticências, as vírgulas e o ponto final.

Acredito que foi a angústia em entender as histórias, que me fez entrar no curso de Letras, na Unilasalle Canoas - Centro Universitário La Salle, no ano de 2003, e tempos mais tarde, em 2006, participar da primeira turma do curso de Letras-Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e agora buscar entender a palavra escrita e a poesia sinalizada. Palavras e sinais que me capturam, que me desafiam.

Sobre “O Pequeno Príncipe”, bom, ele continua no baú, esperando eu finalizar minha dissertação, mas volta e meia me convida a retomá-lo, entretanto voltarei e reler mais adiante, quem sabe, para ler junto com meus filhos! Assim como cada um tem sua vida e carrega dentro de si suas dúvidas/hipóteses, através das experiências vividas, são essas dúvidas que colaboraram para a formação do “eu”.

Recordo também minha adolescência, as vésperas da conclusão do Ensino Médio, em meados de 1998, quando a professora de português disponibilizou tempo para a realização de atividades livres. Naquele momento, produzi dois poemas que tratavam do “amor”. A maioria dos alunos optou por produzir histórias que faziam referência à família, férias e outras temáticas.



"Cresci, vivi muito com a mamãe
já estou adulta, achei um...
amor que eu amo muito
Morei com o meu amor
Mas o coração explode de saudade,
pois não vejo todos os dias a minha mãe
Sinto falta dela. Mas a vida
é assim e estou com as lágrimas
nos olhos de saudade."

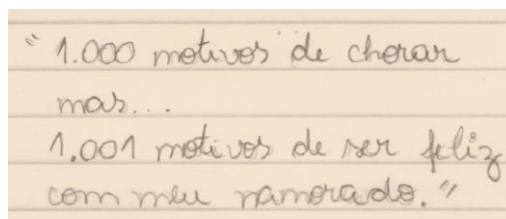


Figura 1: Poesia escrita

Autora: HEINZELMANN, Renata, (1998)

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Acredito que, se o currículo de literatura construído naquela época, tivesse relação com temas da comunidade surda e formas de produção em língua de sinais, as produções literárias de surdos seriam diferentes. Embora já houvesse uma prática informal da literatura surda², no contexto das associações, as produções literárias e pesquisas sobre este tema são recentes. Acredito que a poesia possa ser uma das produções mais antigas na comunidade surda, embora não esteja presente no currículo escolar.

Considero produção poética uma arte. Não sou autora de nenhuma obra, mas busco compreender a forma como ela se organiza e é produzida. Em minha formatura no curso de Letras, no Unilassalle, foi o momento em que me senti desafiada a apresentar uma poesia sinalizada. Estava me formando em Letras-Literatura e estava cursando o Letras-Libras, já tinha cursado as disciplinas de literatura surda e me arrisquei a produzir uma poesia em língua de sinais, para apresentar em meu discurso como sinalizadora³ na turma de formados. Essas foram minhas experiências com a temática que selecionei para pesquisa.

Além da escola, a experiência com a poesia é uma parte importante da literatura surda, em que procuro entender a valorização de cada produção poética em língua de sinais. Na educação bilíngue, próximo tema a ser desenvolvido nesta Dissertação, defendo que as escolas de surdos necessitam inserir a poesia em língua de sinais, fazendo os sujeitos surdos apreciarem uma forma estética e se expressarem em qualquer momento.

² Tratarei como literatura surda, a literatura desenvolvida por surdos, mas pretendo desenvolver a discussão entre os conceitos literatura surda, literatura dos surdos ou literatura em língua de sinais em outros capítulos da minha dissertação.

³ Utiliza-se o termo "sinalizadora" na língua de sinais, assim como "oradora" na língua portuguesa.

1.2. EDUCAÇÃO BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Ao lembrar o momento vivido como sinalizadora em minha formatura, gosto de retomar a frase dita pelo professor indígena Joaquim Maná Kaxinawá: *Não sei falar bem o português. Na minha língua sou doutor.* (CAVALCANTI, 1999, p.387)⁴. É este sentimento que me faz refletir sobre os aspectos da educação bilíngue no Brasil, sobre o uso da língua de sinais, sobre a relação entre o português e a língua de sinais, sobre a literatura surda.

É recente, mas não podemos deixar de lado as questões que tratam da educação bilíngue, em contextos bi/multilíngues. Considero pertinente a observação que Cavalcanti (1999) faz, quando discute o cenário sociolinguístico brasileiro. Diz a autora sobre o mito de monolinguismo no país:

Esse mito é eficaz para apagar as minorias, isto é, as nações indígenas, as comunidades imigrantes e, por extensão, as maiorias tratadas como minorias, ou seja, as comunidades falantes de variedades desprestigiadas do português. Em segundo lugar, uma das razões para essa estranheza pode ser decorrente de o bilingüismo estar estereotipicamente relacionado às línguas de prestígio no que se convencionou denominar bilingüismo de elite. Em terceiro lugar, esses contextos bilíngües de minorias são (tornados) invisíveis, portanto naturalizados, tanto por quem deles faz parte como pela sociedade envolvente, uma vez que as línguas faladas são de tradição oral, portanto estigmatizadas. (p. 387 – 388)

Romaine (1995) afirma que cerca da metade da população mundial é bilíngue e que o monolinguismo representa a norma, sendo a base para os estudos linguísticos. A autora afirma que há cerca de trinta vezes mais línguas do que países, isso implica a presença do bilinguismo em praticamente todos os países do mundo. A partir desses dados, não é possível ignorar no Brasil estes contextos, por exemplo, a presença da comunidade surda em quase todo o território brasileiro utilizando a língua de sinais em escolas e em outros espaços.

Megale (2005) descreve a educação bilíngue como “qualquer sistema de educação escolar no qual, em dado momento e período, simultânea ou consecutivamente, a instrução é planejada e ministrada em pelo menos duas

⁴ Considero importante contextualizar, conforme nota de rodapé em Cavalcanti (1999), que o professor Maná tem sua primeira língua, de identidade indígena, o Kaxinawá. Com o português escrito, a aproximação aconteceu no contexto escolar. Tal fato exemplifica a situação bi/multilíngue no país.

línguas”. Os autores não entendem como educação bilíngue a educação para qual L2 ou LE (língua estrangeira) é ensinada como matéria, e não é utilizada para fins acadêmicos.

Mas, de que modo a educação bilíngue contempla o caso da educação de surdos? Para discutir essa pergunta, trago alguns fragmentos de minhas experiências escolares. Vivenciei a comunicação total, que é um método que teve início no século XX, após o fracasso do Oralismo puro para muitos sujeitos surdos, que não tiveram o sucesso esperado na leitura labial e emissão de palavras. A comunicação total propunha a combinação de sinais, fala, leitura labial e treino auditivo ao mesmo tempo, mas podendo utilizar gestos criados pelos próprios surdos. Como se fosse uma modalidade mista, misturando a língua portuguesa com a da língua de sinais, conhecida também como português sinalizado. Segundo Ciccone (1990), a comunicação total propõe uma maneira própria de se entender o surdo e, partir daí, pensar-se na organização de uma metodologia de trabalho, que vise programas para seu atendimento e seu processo educacional.

Para Wrigley (1996), a comunicação total é "fala apoiada pelos sinais", inadequada para ser compreendida por uma criança como uma mensagem completa. Deste modo, é possível uma aproximação com um objetivo de comunicação, com privilégio da fala sobre os sinais.

A comunicação total representou um momento também de ruptura com o modelo oralista, em que o uso da língua de sinais era proibido; no entanto, ainda não reconhecia a língua de sinais numa perspectiva de língua. A partir dos anos 80, iniciou no Brasil a discussão sobre educação bilíngue, bilinguismo e educação de surdos.

Os estudos sobre o bilinguismo e educação bilíngue contribuíram para a redefinição de uma política linguística e educacional nas escolas de surdos. A partir do reconhecimento das línguas de sinais como línguas das comunidades surdas, propostas de educação bilíngue começaram a ser implementadas em algumas escolas de surdos.

A maioria das propostas de educação bilíngue nas escolas de surdos está baseada em uma perspectiva sociolinguística. Estudos de Fishman e Lovas ((1970) apud Megale (2005)) contribuem para o entendimento de três grandes categorias para o conceito de educação bilíngue: **intensidade, objetivo e status**, os quais são

apresentados e comentados nos parágrafos seguintes, a partir de minha experiência vivida em duas línguas: a língua de sinais e a língua portuguesa.

Na categoria **intensidade**, Megale (2005) identifica quatro tipos de programas bilíngues: bilinguismo transicional, bilinguismo mono-letrado, bilinguismo parcial bi-letrado e bilinguismo total bi-letrado⁵. Relaciono tais tipos com a proposta de escolas de surdos, sendo que experienciei um bilinguismo mono-letrado, ou seja, a utilização de duas línguas, a língua de sinais e a língua portuguesa, em todas as atividades, mas fomos alfabetizados apenas em língua portuguesa - segunda língua (L2) para os surdos, considerando o fato de a língua de sinais ser ágrafa durante os anos em que desenvolvi estudos na escola básica.

Quanto ao **objetivo** da educação bilíngue, Megale (2005, p. 8) identifica três diferentes programas, sendo alguns deles: (a) compensatório – em que a criança é instruída primeiramente na L1 (primeira língua) visando melhor integração no contexto escolar; (b) enriquecimento – ambas as línguas são desenvolvidas desde a classe de alfabetização e são utilizadas como meio de instrução de conteúdos; (c) manutenção do grupo – no qual a língua e cultura das crianças pertencentes ao grupo minoritário são preservadas e aprimoradas. Estudar em uma escola de surdos favoreceu o meu contato com usuários de línguas de sinais e a apropriação dessa língua com outros surdos e, desse modo, penso que houve um enriquecimento tanto na língua de sinais quanto na língua portuguesa.

Quanto ao **status** da língua de sinais nas escolas e na educação de surdos a *questão das línguas adquire uma centralidade* (KARNOPP, 2012, p. 35), considerando que a língua de sinais tem uma história diferente da língua portuguesa bem como uma tradição escrita recente, prestígio social limitado e uma história de proibição e intolerância de uso. Embora em minha experiência escolar, a língua de sinais e a língua portuguesa fossem utilizadas, percebo que a carga horária da língua portuguesa era privilegiada.

⁵ O primeiro deles é denominado bilinguismo transicional. Nele a L1 é utilizada apenas como veículo facilitador na transição para a L2. O segundo programa é denominado bilinguismo mono-letrado. Nesse programa, a escola utiliza as duas línguas em todas as atividades, mas a criança é alfabetizada apenas na L2. O terceiro programa é o bilinguismo parcial bi-letrado em que ambas as línguas são utilizadas tanto escrita quanto oralmente, mas as matérias são divididas de tal forma que a L1 é utilizada apenas para as chamadas matérias culturais, como: história, artes e folclore; enquanto a L2 é utilizada para as demais matérias. O quarto programa é o bilinguismo total bi-letrado no qual todas as habilidades são desenvolvidas nas duas línguas em todos os domínios.

De modo semelhante, Cavalcanti (1999) focaliza os conceitos de minoria e maioria, afirmando que essa distinção está mais relacionada a poder [e prestígio] do que a quantidade (número), ou seja, uma maioria de excluídos significa menos poder e menos prestígio. Uma minoria elitista tem mais poder e mais prestígio. Além disso, o monolinguismo dá ideia de homogeneidade, escondendo a diversidade e a heterogeneidade dos grupos.

Skliar (1998) sugere discussão sobre as relações de poder entre os grupos, bem como uma problematização dos discursos que posicionam os surdos como deficientes, conforme excerto a seguir.

(...) em vez de entender o surdo como uma exclusão e um isolamento no mundo do silêncio, defini-la [a surdez] como uma experiência e uma representação visual; em vez de representá-la através de formatos médicos e terapêuticos, quebrar esta tradição por meio de concepções sociais, lingüísticas e antropológicas; em vez de submeter os surdos a uma etiqueta de deficientes da linguagem, compreendê-los como formando parte de uma minoria linguística; em vez de afirmar que são deficientes, dizer que estão localizados no discurso da deficiência.(p.23-24)

Como estamos olhando de dentro do ser surdo, pois também somos surdos, queremos destacar aqui a diferença de ser surdo na temporalidade e na espacialidade em que inventamos ser surdos acolhendo a análise de poemas surdos.

É preciso valorizar as experiências surdas através de narrativas encontradas na literatura surda. Na próxima seção haverá uma discussão mais aprofundada sobre o lugar da literatura surda na escola.

Comparo a educação de surdos com a educação indígena, onde, da mesma forma, não é desejável trazer para esta comunidade alguém de fora para ditar o que deve ser ensinado. Nessa perspectiva, os sentidos da escola vão-se constituindo em atos, ao se apropriarem os indígenas de um aparelho educativo que não nasceu no interior de suas antigas tradições, mas que, ao ser trazido para dentro da aldeia, é conferido de significados próprios.

A escola se constitui a partir de um modo próprio de colocar em prática determinados princípios escolares e que, ao serem praticados na escola de surdos, se tornam a possibilidade de interagir culturalmente. A literatura surda é um dos

lugares a serem organizados para inserir os surdos na cultura, dotando-o de habilidades específicas.

1.3. CURRÍCULO ESCOLAR: ONDE ESTÁ A POESIA?

Considerando que uma educação bilíngue pode proporcionar o contato com a literatura surda, na educação de surdos, há muito a discutir sobre a literatura surda na educação de surdos. No entanto, para a temática da presente pesquisa, trago especialmente a poesia, que é considerada uma das formas de expressão linguística apresentada de forma artística, e possível de ser trabalhada no currículo escolar.

Conforme Silva (2002), o currículo apresenta uma seleção, ou seja, uma operação de poder, onde se seleciona um universo amplo de conhecimentos que vão constituir o currículo. Exemplifico: alunos ouvintes possuem a disciplina de Literatura Brasileira, no Ensino Médio, nela a poesia também é abordada, mas nem todas as escolas de surdos trabalham a literatura surda, pois ela ainda não está incluída no currículo escolar.

Silveira (2006) entrevistou professores surdos em cinco escolas de surdos, que usam a língua de sinais, e conclui que a maioria deles não inclui explicitamente o conteúdo poesia, mas este conteúdo é trabalhado dentro da temática de cultura surda. Como resultado, a autora destaca a importância da língua de sinais como uma marca de identidade dos surdos e um meio de desenvolver seu pensamento e seu conhecimento de mundo. Neste sentido, uma estratégia de descolonização do currículo (SILVA, 1996) supõe, evidentemente, o projeto, a construção e a elaboração de novos materiais que possam refletir as visões e representações alternativas dos grupos subordinados.

É possível incluir tendências inovadoras - como aponta Silveira (2008) -, que se reflitam nos currículos das escolas, com conteúdos mais relacionados às atuais discussões sobre cultura e identidade surda, incluindo a poesia em língua de sinais. Faz-se necessário um “empoderamento” dos surdos no que se refere aos conhecimentos dentro da cultura, sabendo valorizá-la e, por consequência, aprendendo e expressando poesias em língua de sinais.

Considero o papel da poesia em língua de sinais como um dos elementos de produção cultural voltada para a forma como o surdo expressa sua visão de mundo,

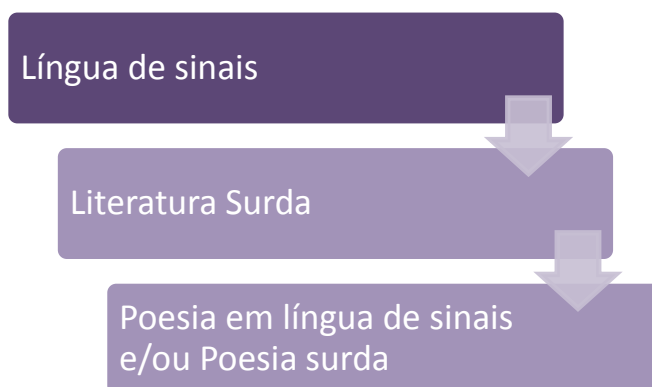
seja em relação a si, ao outro surdo, aos ouvintes, à natureza, identificado como uma 'pessoa visual'. Isso faz parte do povo surdo, vivendo dentro de uma comunidade nacional mais ampla.

Silveira (2006, p.13) aponta que “se poderá trabalhar o que é cultura surda, o que são movimentos surdos, o poder surdo, comunidade surda, a literatura surda, a poesia surda, etc”. Defende ainda que essa é uma forma de os surdos conhecerem a história dos surdos, a identidade surda, suas culturas. Conhecer histórias permite que os surdos possam valorizar a língua de sinais e a cultura surda, favorecendo o empoderamento surdo! Sutton-Spence (2008) observa que “a *poesia também “empodera” a população surda. O ‘empoderamento’ pode ocorrer simplesmente por se usar a língua, ou pela mensagem que por ela é transmitida*” (p.329). Mas é necessário que se estabeleça uma cultura visual, que os alunos possam interagir com o professor surdo e, então, se apropriar do contexto da produção poética em língua de sinais.

Conforme Santos et al. (2011), a língua de sinais é significada como marca surda dentro da literatura:

[...] é capaz de desenvolver os processos de subjetivação. Tais processos são responsáveis por desencadear elementos necessários para construção de identidade surda e, na medida em que utilizam sua própria língua, significam as aprendizagens que vão vivenciando no contato com a comunidade surda [...] (p.46).

A abertura para a experiência surda ganha, na literatura, uma fonte de discussão sobre como é fazer parte de uma comunidade surda, como é levar consigo a diferença surda. Segundo Silveira (2006), o ensino de língua de sinais é riquíssimo, ou seja, oferece muitas possibilidades, muitas escolhas. Uma possibilidade seria a organização da disciplina com um trabalho mais específico com poesia, a partir da literatura surda, de modo semelhante ao que tem ocorrido na organização da disciplina de literatura para os ouvintes. Para ilustrar essa possibilidade, apresento a imagem a seguir.



Uma justificativa para um trabalho mais específico com a poesia está relacionada com o uso da língua de sinais de um modo literário. A poesia está envolvida em eventos que fazem parte da vida dos surdos, tais como a arte e a literatura. As artes visuais e o campo das artes literárias podem favorecer formas de tradução e de expressão que são inspirados nas vivências surdas. Poetas, escritores e contadores de histórias se utilizam frequentemente de temas relacionados às suas histórias de vida para expressar a cultura surda.

Em minha experiência escolar, percebia que alguns surdos não apresentavam interesse em poesias ou em literatura. Alegavam que não se interessavam pelo tema, que não entendiam a linguagem utilizada, nem os significados expressados. Entretanto, as dificuldades enfrentadas pelos professores para tratar da temática da poesia em língua de sinais estão relacionadas aos currículos, como apontei anteriormente. Hoje pondero que possivelmente existe um tipo de poesia que pode incentivar a comunidade surda: aquela que é produzida em língua de sinais. Considero que essa seja uma forma de aproximação tanto à língua de sinais quanto à poesia em outras línguas.

Mas, ao tratar de currículo é necessário pensar naqueles que formam professores em nosso país. Neste sentido, Cavalcanti (1999) destaca aspectos importantes na formação docente, por exemplo:

- a) o perfil do aluno a ser formado (...)
- b) o aluno como professor (O aluno não é visto como futuro professor nem pelos formadores nem por eles próprios) (...)
- c) (...) O currículo de Letras é um apanhado de matérias que cumprem o currículo mínimo. Essas matérias aí estão desde o tempo das Belas Letras. Não é hora de mudar?
- d) a formação de professores com reflexão sobre a prática (...)
- e) a necessidade de maior número de pesquisas sobre os cursos de formação de professores
- f) o reconhecimento da necessidade de diversidade linguística e cultural nas escolas no Brasil. (...)
- g) a necessidade de mais pesquisas em sala de aula dentro de uma

visão antropológica e educacional (...) sensível à diversidade cultural e linguística (...) (p.406 - 407)

Em suma, segundo Cavalcanti, os contextos multilíngues, e por extensão, multiculturais, no Brasil não são contextos minoritários e devem fazer parte da formação de professores. Em outras palavras, entrar em uma sala de aula multicultural/multilíngue requer professores preparados para a diversidade linguística.

A literatura surda faz parte de um encontro com a cultura, pois, se antes o sujeito pensa que somente tem valor aquilo que é exterior, as produções ouvintes, depois do contato com a literatura surda há uma mudança de perspectiva. Significa olhar para si mesmo, para a comunidade a qual pertence e valorizar aquilo que já existe perto de si.

A literatura surda começa a se fazer presente entre nós, se apresentando talvez como um desejo de reconhecimento, em que busca um outro lugar e uma outra coisa. A literatura do reconhecimento é de importância decisiva para as minorias linguísticas que desejam afirmar suas tradições culturais e recuperar suas histórias reprimidas. (KARNOPP, 2010) Ao se livrar da repressão, o sujeito precisa se sentir livre para reconhecer a sua própria cultura e também a do outro, sem a obrigação de seguir uma imposição violenta. O sujeito pode, então, reconhecer a beleza em todas as culturas.

Em conversa com Rosane Grasse, poetisa surda do Rio de Janeiro, no ano de 1999, salientei a dificuldade de encontrar pessoas que pudessem ensinar a produção de poemas em língua de sinais. Rosane me respondeu mostrando, de maneira informal, sua poesia em língua de sinais porque na época não encontrava as poesias facilmente.



(...) SINAIS



(...) CONVERSAR LIVRE



(...) DE REPENTE-PRENDER-

MÃOS



(...) ORALIZAR-FALAR



(...) FONOAUDIOLOGIA



(...) CHORO



(...) LÁGRIMAS CAINDO

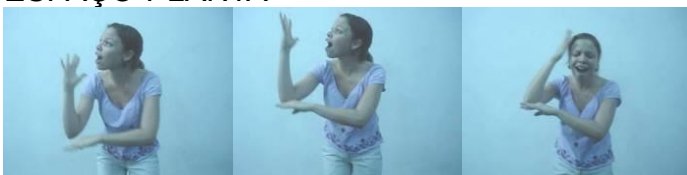


(...) CRESCEM ÁRVORES



(...) RESPIRAR-COLORIDO

ESPAÇO-PLANTA



(...) ÁRVORE... CARINHO



(...) ÁRVORE-TIRAR-APARELHO



Imagem 1: Amig@ natureza

Autora: GRASSE, Rosane, (1999)

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Optei por utilizar glosas para possibilitar ao leitor uma aproximação com os sinais impressos no poema anterior. Considerando que o poema está disponibilizado em DVD, versão completa, em língua de sinais, não realizei a tradução poética, pois assim evitamos traduzir o poema. Conforme Lima (1995), na tradução para outra língua, nós podemos perder o sentido das possibilidades expressivas, imagéticas, rítmicas que o poema apresenta, pois as palavras são geralmente usadas em contextos específicos e podem ser reduzidas apenas a um dos seus planos de referência, podendo diminuir seu significado mais amplo.

Voltando ao assunto deste poema, ele traz elementos marcantes na história dos surdos. Ele não trata abertamente sobre as questões de oralização, do Congresso de Milão⁶ e da proibição na utilização da língua de sinais, mas, de forma sutil, é possível perceber esta marca durante a sinalização da poesia. Um exemplo é o movimento apresentado pela poetisa durante uma sinalização de esmagamento das mãos representando a proibição da língua de sinais. Em outro momento, o dedo

⁶ Congresso Internacional de Professores de Surdos em Milão, Itália, para discutir e avaliar a importância de três métodos: língua de sinais, oralista e mista

indicador se desloca em direção à boca, seguida de um movimento de horror ao levar as mãos aos ouvidos demonstrando uma pressão. Isso significaria a oralização, o treinamento da fala e, por consequência, a proibição da utilização da língua de sinais.

O poema finaliza com o surgimento de uma árvore que demonstra claramente as mãos que surgem e se transformam em amigas, retirando os aparelhos carregados pelos surdos e marca a utilização da língua de sinais. Neste sentido é possível observar uma ambiguidade nos movimentos e mesmo sem parecer de forma clara, existe uma contextualização histórica durante a sinalização.

Hall (1997) afirma que mesmo que as pessoas não sejam satisfatoriamente representadas por nenhum conjunto de imagens, provavelmente se sentirão mais atraídas por um do que pelos outros, vendo-se representadas ou refletidas nestas escolhas. Neste sentido, percebo que, na produção de poemas sinalizados, há proximidade da poesia à cultura surda, compreendendo-a como parte da comunidade surda.

Partindo da minha experiência, vejo que a maioria das escolas continua sem a literatura surda no currículo escolar. Os espaços para a discussão desta temática são pequenos dentro do currículo escolar. Pouco se trata da diversidade cultural, tendo em vista a possibilidade de leitura de outros textos, de outras imagens e de outras histórias do que significa ser diferente. Enfim, uma abordagem que possibilite outras representações sobre os surdos, identidades e diferenças.

Levando em conta o contexto da educação de surdos no Brasil, onde o oralismo foi o método mais difundido por muitos anos, penso que a escola tem a oportunidade de resgatar os valores culturais que foram suprimidos, dos quais os surdos foram privados por muito tempo. Considero a escola um lugar de aprender a reconstruir a cultura, de aprender a pensar, de aprender a compartilhar. Neste sentido, considero que a escola contemporânea precise de contribuições mais amplas, de reflexões sobre o que está proposto como formação, através do currículo. Desta forma, as cenas sobre a busca de uma identidade, sobre o papel da tecnologia e sobre o pertencimento a uma comunidade vem favorecendo uma mudança do universo que antes era silenciado, mas agora sinalizado, e faz emergir a capacidade reflexiva e poética da língua de sinais através da literatura surda.

2. LITERATURA SURDA E ESTUDOS CULTURAIS EM EDUCAÇÃO

Ora, com isso, qualquer pedagogia multicultural não pode pretender dizer, aos que estão entrando no mundo, o que é o mundo; o que no máximo ela pode fazer é mostrar como o mundo é constituído nos jogos de poder/saber por aqueles que falam nele e dele, e como se pode criar outras formas de estar nele. (VEIGA-NETO, 2003, p.13)

Os Estudos Culturais (EC) iniciam trajetórias de pesquisas e investigações nos anos 60, com Raymond Williams e Richard Hoggart, no Reino Unido. A virada cultural a partir dos EC teve um impacto muito grande na vida intelectual e acadêmica, como um novo campo interdisciplinar de estudos, tendo a cultura como conceito central, vinculado às tradições de análise textual (visual e verbal), à crítica literária, à história da arte e aos estudos de gênero, à história social, bem como à linguística e às teorias da linguagem, na área das humanidades.

A Inglaterra, à época de Williams e Hoggart, estava vivendo um período de mudanças na concepção de cultura. Impulsionados pelo Marxismo, os Estudos Culturais propuseram uma nova concepção de cultura a partir da valorização da chamada “baixa cultura”. Enquanto campo de problematizações sobre a cultura, os Estudos Culturais vem se transformando e diversificando suas análises teóricas, nos diversos locais onde este campo é analisado e debatido pela academia.

Assim, os Estudos Culturais (EC) buscam propor e discutir formas diferentes de ver o poder, conceber o espaço e o tempo, de conferir um estatuto ao saber e de produzir subjetividades, tendo uma perspectiva de análise que privilegia a abordagem dos artefatos e práticas culturais. Desta forma, novas forças e relações postas em movimento por este processo tornam menos nítidos muitos dos padrões e das tradições do passado.

O cânone literário sempre foi o ícone máximo da “alta cultura” como aquilo que de “melhor” foi produzido pela humanidade. Os Estudos Culturais efetuaram um rompimento com a ideia dominante de que certas produções culturais são válidas e outras não, ampliando conceito de cultura para as produções dos grupos minoritários. Não apenas a chamada “alta cultura”, defendida por uma elite econômica, tem valor a partir de então, também as produções culturais das comunidades minoritárias passam a ser entendidas como válidas, como “fenômenos culturais” (SILVEIRA et al, 2012). Essa mudança de perspectiva causou progressivas

mudanças no âmbito da educação. A pedagogia, que tradicionalmente privilegiou a chamada “alta cultura”, se vê, no caso da educação de surdos, desafiada pelas produções culturais surdas, sendo que tais produções passam, principalmente nas últimas décadas, a serem valorizadas pelas comunidades surdas. A partir dessa abertura, as produções culturais e as práticas de bilinguismo começam a se apresentar como uma questão prioritária na educação de surdos. Neste sentido pensamos que a poesia surda também passou por um processo, de mudança nos cânones, antes muito vinculados às traduções das tradições clássicas. Os Estudos Culturais apontaram uma mudança de perspectiva, que considera as circunstâncias, os sentimentos, as histórias e experiências únicas dos sujeitos, na construção de suas produções poéticas, não se limitando a regras pré-estabelecidas.

Hall (1997) nos coloca que a cultura é central não porque ocupe um centro, uma posição única e privilegiada, mas porque perpassa tudo que acontece nas nossas vidas e as representações que fazemos destes acontecimentos. Sendo assim, a literatura surda é um artefato, pois a partir das produções de poesia surda, em língua de sinais, a comunidade surda faz o reconhecimento de sua cultura, a partir de elementos que compartilha.

Na sequência desta proposta de dissertação, escolhi apresentar algumas discussões sobre a literatura surda, com o objetivo de ampliar a reflexão sobre como a literatura se aproxima dos demais campos das artes e da cultura, principalmente ao que se refere às possibilidades literárias em língua de sinais.

2.1. ESTUDOS SOBRE LITERATURA SURDA

Em estudos realizados por Karnopp (2006), a autora afirma que a literatura surda está relacionada à cultura surda, e as publicações da literatura surda podem ser visualizadas de diferentes formas, através da “tradução”, “adaptação” ou “criação”. Entretanto, acredito que alguns dos aspectos vinculados a “tradução” e a “adaptação” dizem respeito ao que Sutton-Spence (2013) denomina de literatura sobre surdos e/ou literatura em língua de sinais e literatura surda. É possível

relacionar esses conceitos com a pesquisa de Mourão (2011), que tratou de criação, adaptação e tradução na literatura produzida pelos surdos.

Faço uma aproximação entre essas duas abordagens, concordando com a necessidade de uma descrição de categorias no âmbito dessas produções. Sobre “criação” pretendo desenvolver a temática dentro da área destinada a tratar da literatura surda, compreendo que é a “criação” o aspecto responsável pela constituição da literatura surda, em sentido restrito.

Mourão (2011) define, na literatura surda, o termo tradução como uma possibilidade de encontrar materiais traduzidos de outras línguas para a língua de sinais, que contribuam para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços. Existem materiais literários traduzidos para língua de sinais, que podem ser encontrados nas editoras Arara Azul⁷ e LSB vídeo⁸. Existem também interpretações e encenações em língua de sinais de fábulas, contos e outras produções literárias, para incentivar os surdos à leitura, bem como ter acesso às obras traduzidas. Em menor escala, são encontradas algumas obras traduzidas para a escrita de sinais, o que acredito que poderia ser ampliado.

As adaptações literárias têm sido uma forma de fazer uma releitura e, a partir de produções já existentes, outras imagens, outras versões, outros significados, a partir de produções já existentes. A adaptação pode ser exemplificada através de mudanças em relação aos personagens principais, que no contexto adaptado são diferentes, mas o enredo da história adaptada permanece próximo ao texto base. As mudanças podem também ocorrer em relação ao cenário, aos objetos utilizados, às temáticas tratadas, entre outras. No conto clássico, Cinderela era ouvinte e no baile perdeu seu sapato; entretanto, na adaptação da história para a cultura surda, Cinderela era surda e usava a língua de sinais. (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP, 2003). Na história de “Cinderela Surda” ao invés de perder os sapatos, Cinderela perde as luvas e, desta forma, as mãos ficam em evidência e, conseqüentemente, a língua de sinais adquire visibilidade.

Quanto à criação, penso que se trata de um tipo de produção que se utiliza de

⁷ Site disponível em <http://editora-arara-azul.com.br>.

⁸ Site disponível em <http://www.lsbvideo.com.br/>

elementos ainda não delineados por outros autores, e que o poeta irá captar nos usos, tanto literários quanto cotidianos, e irá circunscrever as experiências linguísticas em uma obra. A título de esclarecimento, a poesia não segue um conjunto de regras, existem muitas combinações, padrões e ritmos possíveis na criação de poesias em língua de sinais. O poeta, com seu olhar aguçado, percebe formas linguísticas e as transforma, criando novas maneiras de utilizar a maneira a linguagem. É o momento literário que pode renovar e ampliar a experiência organizada por um poeta ou autor (pessoa que produz em língua de sinais) onde compartilha com outros surdos e também em grupo onde todos têm características diversas na comunidade surda, que fazem outros se divertirem com as novas percepções estéticas. Não precisa ser propriedade de um poeta apenas, mas uma produção coletiva, tornando-se, assim, uma obra coletiva. Tal tipo de produção é um novo caminho para a comunidade surda, pois envolve seus membros, através da literatura, em sua experiência e sua(s) língua(s).

Para entender sobre criação em relação à literatura surda cito um poema muito conhecido chamado *Cinco Sentidos*⁹, de Paul Scott. Neste, mesmo sabendo que temos cinco sentidos (olfato, paladar, tato, audição e visão), o autor expressa que os dois últimos sentidos (visão e audição), se fundem num só. Este poema foi criado por um surdo, utilizando somente a língua de sinais.

Sutton-Spence (2013) trata de três formas de produção de literatura sobre surdos e/ou literatura em língua de sinais:

- a) literatura escrita sobre surdos dentro do cânone de literatura escrita;
- b) literatura escrita por surdos com alguns deles culturalmente surdos;
- c) literatura em línguas de sinais quase sempre produzida por surdos.

A partir dessa classificação, busco alguns exemplos que podem ilustrar a produção escrita e/ou sinalizada no Brasil. No caso de (a) *literatura escrita sobre surdos dentro dos cânones da literatura escrita* pode ser exemplificada com o livro “Audição” (SUHR; GORDON, 1998) em que uma aluna surda, numa escola de inclusão, usa o aparelho especial e lê os lábios. Essa história é produzida com muita ilustração e pouco texto, visando a uma representação clínica da surdez, priorizando

⁹ Poesia em língua de sinais britânica no site Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=QrOEqf2O918>. Há uma tradução para a língua de sinais brasileira por Nelson Pimenta disponível no Youtube: <http://www.youtube.com/watch?v=xmOnY1B2jEI>. Acesso em 12 ago.2013.

o ponto de vista da deficiência. No entanto, segue os padrões da literatura escrita.

Como forma de exemplificar as produções (b) *a literatura escrita por surdos, com alguns deles culturalmente surdos*, cito o livro “As luvas mágicas do Papai Noel” (KLEIN; MOURÃO, 2012) que conta a história de um Papai Noel que perde suas luvas e, ao receber novas descobre que elas são mágicas, pois possibilitam a comunicação em língua de sinais com crianças surdas. Um dos autores é surdo e a outra autora é ouvinte, ambos se encontram em contato com a comunidade surda, mas optaram por uma produção literária escrita.

Ao tratar da forma de produção (b) retorno ao período da comunicação total, mais precisamente ao ano de 1990 na Escola Concórdia, em Porto Alegre. Naquele ano, ocorreu a Semana da comunicação total onde os alunos realizaram uma série de produções poéticas. Com base nas suas experiências surdas, utilizavam o português escrito como suporte linguístico e como registro, como nos exemplos a seguir:

Crianças e adultos surdos.

Nossa alma é uma criança surda,
Que não sabe o que quer
Aprendendo e escrevendo como qualquer,
Aumentando nas palavras,
Contando figuras e letras,
Memória buscando na experiência
É sinais cada palavra,
Um dia fiquei emocionada
O brilho do meu olhar
É pela estrada da vida que se aprende
a caminhar e levantar,

Crescendo adulto especial surdo,
O silêncio é mudo, mas fala pela
mímica das feições,
Meu olho grande atenção como
qualquer coisa,
Não tenho vergonha surdo,
Não sente e sofre,
A esperança continua,
Curiosidade nas palavras,
Buscando e aprendendo memória
Pode iluminar e abrir caminho,
Que ilumina sem preconceito,
A própria da vida forçada
Estudioso, adulto sempre conseguiu
Deve ser um milagre
A própria natureza do mundo.

Figura 2: Poesia criança e adultos surdos

Autora: SANTANA, Regina.

Fonte: I Semana da Comunicação Total (1990)

Outro exemplo, retiro do livro *Pratos e Letras* (2006), resultante do concurso de literatura promovido pela Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas Portadoras de Deficiência e Pessoa Portadora de Altas Habilidades no Estado do Rio Grande do Sul (FADERS), que tem vários poemas

escritos por pessoas surdas. Na apresentação do livro, escrita pelo então presidente da FADERS, Luiz Augusto Gemelli (FADERS 2006), é possível identificar os objetivos do livro. Segundo o presidente, O livro Pratos e Letras objetivou divulgar a escrita de pessoas com deficiência e trabalhadores da indústria.

Amor

Eu te amo.
Sinto muito carinho por você.
Não fique triste,
Nosso amor pode ser muito alegre.

A alegria sempre traz mais sorriso.
Dentro do peito bate forte o coração,
Sentindo dor, mais dor de amor!

Nunca mais espero o amor.
Sempre amei, mais lindo o coração.
Coração novo brilha em paz.

Figura 3: Poesia Amor
Autora: MELO, Camila.
Fonte: FADERS (2006, p. 110)

O último ponto trabalhado por Sutton-Spence (2013), (c) *a literatura em línguas de sinais quase sempre produzidas por surdos*, condiz com algumas das produções realizadas pelo Instituto Nacional de Educação para Surdos (INES), pela Editora da Ulbra e pela Editora LSB. A maioria dos materiais produzidos no INES trata de traduções e adaptações, já descritas anteriormente, de clássicos da literatura mundial para a língua de sinais por surdos, inseridos na cultura e comunidade surda, por exemplo:



Imagem 2: Branca de Neve e os Sete Anões
Fonte: SILVA, Reginaldo. (2013)¹⁰

A partir das leituras realizadas para a construção desta dissertação, acredito

¹⁰ Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=v3XFrLiDGml>. Acesso em 05 ago 2013.

ser a “criação” o núcleo da literatura surda e que a faz diferir da literatura sobre surdos e/ou literatura em língua de sinais descrita anteriormente. A criação é difícil de ser definida, mas em termos gerais, se trata de textos originais que surgem e são produzidos a partir de um movimento de histórias, de ideias que circulam em determinado espaço e contexto em que o autor está inserido.

A partir do reconhecimento da língua de sinais, há maior visibilidade das produções culturais. Por esse motivo há o empenho em registrar essas produções, assim como estudos que fazem o levantamento das produções em literatura surda.

Mencionados os estudos em relação à literatura surda, existe um grupo que constrói as produções, na medida em que são solicitadas para o consumo da cultura. Mianes, Müller e Furtado (2011) afirmam que estas produções literárias dos sujeitos, em relação às suas experiências de vida cotidianas e de seus sofrimentos, relatam dificuldades enfrentadas e como as superaram em busca da felicidade. Esses textos são capazes de mobilizar os surdos no sentido de reconhecer quais traços, quais experiências são compartilhadas, há um sentido de identificação quando o surdo se depara com o outro surdo que dá forma a experiências de sofrimento. Costa (2002) afirma que:

[...] práticas coletivas de significação foram permitindo a identificação de atribuições diferenciais que possibilitaram novas alianças e deram origem a novas identidades afirmadas mediante relatos que contestam a tendência homogeneizante e essencialista de certas narrativas, e contam histórias de experiências compartilhadas de silenciamento e exclusão. (p.106)

A crescente produção deste estilo de narrativa, a partir da década de 90, indica o consumo destes materiais por parte da comunidade surda. Para eles existe a “receita mágica”, assim como os ouvintes sofreram a influência das publicações de autoajuda, onde os escritores apresentam a superação dos limites. As narrativas de si demonstram uma fórmula para vencer as dificuldades, enfrentadas pela desvalorização da língua de sinais e sua cultura. Mas também podem trazer os momentos vividos e sentimentos do sinalizante, não somente as questões da comunidade surda, mas as experiências de vida, os sofrimentos e - o que realmente chama a atenção - as vitórias enfrentadas pelo surdo que conta a história.

Nesse sentido, destaco com exemplo o poema *Formatura*, apresentado por mim na ocasião da colação de grau da graduação de Letras-Literatura. O poema pode ser visualizado (imagem 4) nesta dissertação, e como aspecto da narrativa de

si apresento os passos da minha caminhada desde a inscrição no vestibular até o momento da formatura em que diferente de um olhar clínico, o poema não trata do uso de uma língua ou outra, mas as possibilidades dos surdos se inserirem em qualquer espaço. Assim com as literaturas de autoajuda, já destacadas, o poema apresenta um caminho, uma luta, um modelo para os outros surdos, mas sem tratar da superação da surdez. Estas produções são importantes elementos para análise do processo de representação, produção, circulação das identidades surdas. Nessa perspectiva, a literatura surda transmite a cultura:

Por meios dela, eles [os autores] registram suas histórias de vida, suas lutas e as conquistas das comunidades surdas ao longo dos anos, produções que são (re)criadas de uma geração para a outra; também relatam dificuldades, desejos, práticas de sua comunidade e percepções acerca do mundo; e, a partir disso, posicionam-se e manifestam-se politicamente. Além disso, produz-se humor e prazer estético, mergulhando em um universo imaginativo que, nem por isso, deixa de estar relacionado às suas experiências e à circulação das produções culturais surdas em diferentes culturas. (MIANES; MÜLLER; FURTADO 2011, p. 61)

É possível identificar as narrativas de si que se alinham à perspectiva clínica centradas na falta do sentido da audição, enquanto que um outro modelo de narrativas de si trata da valorização do sujeito surdo, da sua cultura e de modelos para a comunidade surda. Nesse sentido, a cultura surda, por sua vez, modifica o significado da surdez, do sofrimento e limitação para o brilho da língua de sinais.

Existem estudos que colocam em evidência esse acontecimento. No estudo de Sutton-Spence (2013), é realizado um levantamento daquilo que a literatura surda proporciona aos seus leitores.

Segundo Sutton-Spence (2013) a literatura surda se apresenta de modo recorrente como: a) muito visual; b) centra-se na linguagem estética; c) carrega elementos que nos fazem aprender a partir das coisas ditas e d) carrega elementos que nos fazem aprender a partir da forma como as coisas são ditas. Conforme a autora, os gêneros textuais produzidos são muitos, como oratória (sermões feitos por pastores), histórias de folclore, piadas, narrativas tradicionais e jogos de linguagem, arte performática, teatro, entre outros. Nesse contexto de valorização da cultura surda, a literatura é entendida como um lugar de valorização cultural, onde a aprendizagem e a estética estão em relação.

Na esteira dessa perspectiva da surdez, dos surdos e do valor cultural, os Estudos Surdos se ampliam, ganhando força em pesquisas que tematizam os vieses da cultura surda. É um ponto de vista cultural, que entende a cultura surda como algo presente, composição: língua, história cultural, pedagogia dos surdos, artes, literatura, etc. Karnopp, Klein e Lunardi-Lazzarin (2012) em relatório do projeto sobre cultura surda observam:

Afinados a esse campo epistemológico, pesquisadores envolvidos com a educação de surdos têm potencializado discussões para além do campo disciplinar da Educação, colocando as questões culturais como um *locus* privilegiado de análise e problematização. Várias investigações, desde o final da década de 90 do século XX, principalmente no Brasil, têm constituído um outro olhar em relação aos surdos e a surdez, o que vem sendo reconhecido como o campo dos Estudos Surdos. (p.5)

Schallenberger (2011) faz uma busca pelas piadas surdas e como esse gênero tem sido relevante nas comunidades surdas. O autor faz buscas na internet, principalmente na rede social *Youtube*. O autor afirma que a metáfora, uma das figuras de linguagem, expressa o pensamento através de imagens. As poesias podem ser expressas metaforicamente, mas para seu entendimento, é necessário que se reconheça o sentido abstrato, figurado. Acredito que as piadas possam ser consideradas como o primeiro gênero literário ou pelo menos o mais recorrente nas comunidades surdas.

Parece-me que o sentido subjacente à pesquisa de Schallenberger, assim como de Mourão (2011), é da importância da experiência visual e como essa se realiza na vida dos surdos. A experiência visual, no meu entender, no que diz respeito aos surdos, está muito relacionada à própria experiência linguística, à própria língua de sinais.

Nesse sentido, o objetivo da literatura surda, segundo Mourão (2011), é articular a experiência visual, assim como já apontava Sutton-Spence (2013), favorecendo a compreensão e o entendimento, facilitando a reflexão. O número de registros tem aumentado, demonstrando empenho na produção de um trabalho em língua de sinais. Os materiais analisados por Mourão (2011) apresentam a importância destas produções na construção de outros sujeitos surdos, pois levam ao entendimento e compreensão. Para ele, crianças surdas ou ouvintes ainda não alfabetizadas têm a mesma oportunidade de refletir, desenvolver a imaginação,

conhecer as histórias, ainda que não tenham legendas nos vídeos, com o foco na literatura surda e na valorização da cultura visual, reconhecendo sua importância.

Esses discursos atravessam diversas fronteiras, levando ao reconhecimento e à valorização da cultura surda. Lembro que a forma de representação surda sempre ocorre “coletivamente” ou “face a face” duas pessoas, em que são produzidos significados compartilhados, que entram em circulação e consumo. Subjetividades são fabricadas nesse círculo de práticas sociais ou práticas discursivas, isso é, formas de representação surda através de uma bandeira “literatura surda”, em cidades ou estados, pois cada região sempre conta e reconta as suas narrativas em várias formas literárias. (MOURÃO, 2011, p.89)

A construção das produções sinalizadas, utilizando os recursos da mídia visual para registro, se dá como na língua oral com o registro escrito. A tradução do que é produzido dentro da literatura surda para a língua escrita perde sentido nas suas possibilidades expressivas, imagéticas, rítmicas (LIMA, 1995).

A tradução gera impasses devido aos aspectos culturais que estão relacionados à língua. É possível fazer uma tradução da língua de sinais para a língua portuguesa, assim como acontece entre as línguas orais, mas, no caso de um texto literário, poético, essa tradução não irá contemplar muitos aspectos culturais, que fazem parte da convivência dos surdos, das pessoas que sinalizam.

A dificuldade de tradução dos textos em língua de sinais se reflete na tradução das poesias nesta língua. Neste sentido, até pouco tempo o registro poético era socialmente inacreditável e linguisticamente desconhecido, mas aos poucos as mudanças têm acontecido e as poesias em língua de sinais puderam se tornar uma realidade visível dentro e fora das comunidades surdas.

As obras literárias dos surdos são repletas de elementos da cultura surda. O livro *Cinderela Surda* (SILVEIRA; ROSA; KARNOPP, 2003) é difícil definir e classificar, pois apresenta uma história tradicional, mas insere/modifica a história, propondo uma versão diferente, uma intertextualidade. A intertextualidade ocorre a partir de um texto base, e tem funções diferentes que dependem muito dos textos/contextos em que a história é (re)contada.

A princípio eu tive dúvida em relação ao livro citado anteriormente se ele seria uma adaptação ou uma criação. Mas percebi que é preciso refletir sobre isso de duas formas: primeiro, acredito que se trata de uma adaptação pelo fato de se tratar de uma história já existente, já contada na literatura anterior à literatura surda; segundo, creio que podemos ver este livro como uma criação intertextual, pois ele

traz aos leitores uma nova maneira de abordar as histórias já existentes e mostrar a língua de sinais, pois toda adaptação tem um componente de criação.

Karnopp (2011), ao tratar das produções culturais comparativamente entre diferentes comunidades surdas, mostra que existem materiais de diferentes gêneros literários em línguas de sinais que circulam nas comunidades, de maneira mais ou menos equivalente. A autora realizou uma busca de produções culturais em língua de sinais americana (ASL), aproveitando para comparar com as produções em língua de sinais brasileira que foram desenvolvidas no projeto “Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira” (KARNOPP, KLEIN E LUNARDI-LAZZARIN, 2012). O que se pode perceber nesses materiais é um outro olhar acerca da surdez, e, já que o texto citado também envolveu produções culturais americanas, a autora mostra 36 (trinta e seis) histórias e poemas em ASL. A pesquisa ocorreu nos espaços acadêmicos onde a cultura surda é problematizada e analisada.

A partir destes referenciais que abordam as formas de produção da literatura surda, adaptação, criação e tradução, e os impasses que cada modalidade apresenta, a próxima seção descreve estas formas de produção da literatura surda nos poemas em língua de sinais.

2.2. TRAÇOS DAS POESIAS EM LÍNGUA DE SINAIS

Tradicionalmente a análise dos poemas, tanto em língua de sinais quanto de línguas orais e escritas, privilegia a sua construção poética e as características dos poemas. Tais análises são realizadas tanto em línguas de sinais quanto em línguas orais, mesmo que a modalidade de percepção e de produção dessas línguas sejam diferentes: nas línguas orais, a modalidade é oral-auditiva, pois a informação linguística é percebida auditivamente e a produção da língua é através da fala, enquanto que nas línguas de sinais a modalidade é visoespacial, pois a informação linguística é percebida visualmente e a produção linguística acontece através das mãos e do rosto.

Em geral, as técnicas de análise de poemas focalizam a construção rítmica e/ou ritmo e os demais aspectos do poema: vocabulário, categorias gramaticais predominantes, organização sintática e temáticas.

Goldstein (1999) coloca que o leitor deve tentar perceber como se processou não só a escolha ou seleção de palavras, mas também a combinação que aproximou certas palavras umas das outras, visando ao efeito poético. Para escrever um texto literário, é preciso que o autor tenha, por exemplo, noção de ritmo do texto, assim como um conhecimento amplo de vocabulário, isso é um estudo, requer um tempo de maturação de habilidades.

Por muito tempo a composição de textos literários teve regras bastante rígidas, fazendo com que o autor tivesse que adaptar sua criatividade às normas específicas para cada tipo de texto.

A partir do Modernismo, no século XX, a contagem silábica dos versos deixou de ser central nas análises poéticas, por exemplo. Os poemas apresentaram outra ênfase, com um ritmo novo, liberado e imprevisível, mesmo sabendo-se que cada verso ocupa uma linha, marcada por um ritmo específico.

Conforme Goldstein (1999), não há “receita” para analisar e interpretar textos literários. Da mesma forma, acredito que não há receitas para analisar textos em língua de sinais, nem seria possível, dado o caráter particular e específico de cada criação de arte. Cabe ao leitor ler, reler, analisar e interpretar. Ao analisar, fiz a opção por começar pelos aspectos mais salientes do poema, aqueles que saltam aos olhos ou aos ouvidos: em relação às pessoas ouvintes destaca-se a sonoridade; ao contrário dos surdos em que se destaca a visualidade e o uso das mãos e dos olhos.

Vários são os aspectos relacionados às poesias em língua de sinais. Para esclarecer, citarei alguns exemplos, dentre uma variedade de recursos possíveis e padrões que um poeta tem à sua disposição, na criação de uma obra de arte.

No poema *Bandeira Brasileira* em LSB¹¹, por Nelson Pimenta, ele sinaliza cada uma das formas e apresenta o significado de cada cor da bandeira, onde aparecem os sinais repetidos, por exemplo, o sinal de COR VERDE depois o sinal da COR AMARELA. De acordo com Sutton-Spence (2006) a repetição é um elemento muito importante para a construção do efeito estético, que marca o ritmo.

A partir da leitura de Sutton-Spence (2008), pesquisadora na área de poesia em língua de sinais, compreendo que não importa se quem apresenta o poema é um sujeito surdo ou não surdo, mas importa sim a riqueza da poesia sinalizada e a interpretação do poema. Para isso devemos verificar a representação e linguagem

¹¹ Sigla de Língua de Sinais Brasileira

poética utilizada. A maioria dos poetas expressa algumas ideias, ou expectativas de contexto social ou de pessoas, para chegar a uma interpretação.

Entendo que a língua do cotidiano incentiva a importância do fortalecimento das culturas e identidades surdas, favorecendo a produção poética em sinais. Nesse sentido, concordo que pouco importa se o sujeito que apresenta o poema é surdo ou ouvinte, mas o importante é que esse sujeito conviva diariamente com a língua, saiba captar suas diferenças. Talvez haja certa preferência, ou uma ligação maior dos surdos em relação ao poeta surdo. A poesia em sinais é um tipo de texto mais apropriado e praticado por sujeitos surdos, mas isso não é necessariamente uma regra.

Saliento a importância da poesia e da literatura surda, como já citado por Morgado (2011), sendo uma fonte rica de textos artísticos. A autora destaca que sua preocupação é com a estética das palavras escritas, uma vez que isso não faz parte da fruição dos surdos, e propõe que o termo “texto” possa ser substituído pela palavra “gestos”¹². Para que os surdos adquiram a poesia, é indispensável o desenvolvimento linguístico, que deve ser transmitido a partir da língua materna, para que a criança surda possa adquirir plenamente essa língua em suas diversas práticas linguísticas. Morgado propõe que educadores surdos sejam os modelos linguísticos à vida da criança surda. Para isso, considera que a experiência visual de surdos é diferente dos ouvintes, e que a identidade surda, a partir da experiência surda, vai constituindo a criança surda em usuário nativo de língua de sinais, adquirida como primeira língua.

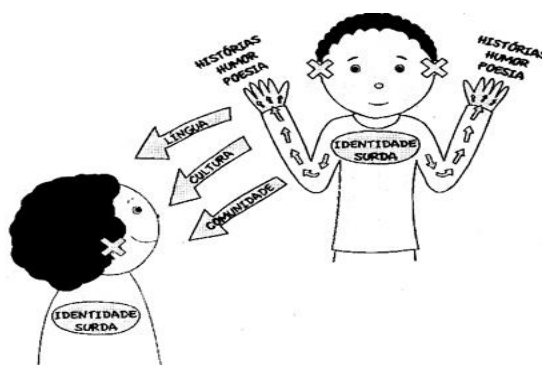


Figura 4: Identidade Surda

Fonte: MORGADO (2011 p. 153)

¹² Neste artigo, foi mantida a grafia original em português lusitano

A presença de surdos dentro da experiência educativa contribui para o desenvolvimento cultural e identitário de crianças surdas, através de histórias de humor, contos e poesias. Neste sentido, é necessária a presença de um modelo surdo que demonstre sua experiência, sua percepção visual, afirmando que as crianças surdas podem alcançar seu potencial afetivo, acadêmico e social através de uma base rica na educação, mostrando os seus valores e normas culturais na sua comunidade surda adulta.

Wrigley (1996), em sua pesquisa na Tailândia, usou a expressão em “Mestre dos Sinais” para o modo como é visto um educador e líder pelas crianças, descrevendo que ele se manifesta e parece desempenhar um papel central na reprodução da cultura surda.

A pesquisa de Karnopp tem grande relevância pelo fato de trazer à tona a construção de um outro olhar sobre a surdez que é praticado pelas próprias pessoas surdas. A comunidade, como diz Bauman (2003), é como um lugar de busca e aconchego, e este lugar, eu penso, é o que marca a possibilidade da construção de outros olhares, e, a partir disso, a produção de textos que evidenciem a experiência surda como algo plural.

A cultura, neste sentido, é o que possibilita a produção de poemas e a circulação de significados, é uma forma de expressar pela qual se constroem significados claros. Há uma forma do surdo representar a sua cultura, uma maneira de perceber e entender. Mudar a representação existente sobre os surdos é uma necessidade, mostrar que há um outro lado, uma outra construção, outros saberes e belezas. É preciso que os próprios surdos contem suas histórias, mostrem sua língua. Hall (1997) estuda a centralidade da diversidade cultural e a necessidade de transformar as influências culturais em diversidade cultural. Existem diferentes modos de representar os surdos, por isso trago argumentações que tratam da necessidade de representar os surdos através da cultura, da língua de sinais e dos poemas produzidos pelos próprios surdos.

As poesias em língua de sinais são pesquisadas por alguns autores, por exemplo, Sutton-Spence e Karnopp, que abordam o entendimento e análise das poesias surdas focadas na língua de sinais. Esta ideia me faz refletir sobre a inevitável mudança da valorização e conhecimento da poesia, do ponto de vista do reconhecimento da cultura surda, produzindo transformações. Muitas poesias em

língua de sinais estão ligadas diretamente a cultura surda onde estão inseridos os poetas surdos. Segundo Karnopp (2006, p.16):

Assim como em outras línguas, a poesia em língua de sinais explora os recursos lingüísticos para obter efeitos estéticos. A forma como os poemas são organizados, bem como os sentidos que se abrem a partir disso, fazem uma quebra com a forma que a linguagem é utilizada no cotidiano. Os poemas podem estar mais próximos ou mais distantes do uso que se faz com a língua de sinais no cotidiano, em geral, fazendo uma ruptura com a regularidade e tornando as formas lingüísticas completamente criativas e novas.

A poesia para surdos ganhou visibilidade com os famosos poetas surdos americanos: Ella Lenz e Clayton Valli, que trabalham os elementos da poesia em língua de sinais. Ambos vêm de família de surdos, criaram e apresentaram ao mundo obras poéticas, e foi com eles que Nelson aprendeu a poesia americana e também começou a produzir em língua brasileira de sinais.

A poetisa britânica surda, Dorothy Miles (Dot), aparece como a pioneira em poesia para surdos contribuindo para os estudos das poesias em língua de sinais. A poesia intitulada *Escadaria* foi apresentada pela primeira vez em 1987, numa cerimônia de graduação da primeira turma surda a receber o título em ensino de língua de sinais de uma universidade britânica.

Com o poeta Paul Scott, permanece a ideia da poesia em língua de sinais. A partir do estudo do trabalho de Dot, Scott descobriu que a poesia para surdos possuía um valor estético e era admirável, e nela se inspirou para trazer esta forma de literatura para os surdos britânicos.

Por outro lado, no Brasil, o poeta Nelson Pimenta é pioneiro nesta área. Ao realizar um curso com a professora Ella Lenz, Pimenta produziu a poesia *Bandeira Brasileira*, muito conhecida na comunidade surda. Esta mesma professora lhe sugeriu que procurasse o professor Dr. Clayton, que desenvolveu sua tese em poesia e, que poderia orientá-lo melhor.

Bandeira Brasileira é a representação do país fazendo relações com a cor da bandeira. Através do meio visual ele celebra, de maneira implícita, a experiência cultural visual da surdez e da língua de sinais, como uma forma de arte. Tanto Scott como Pimenta tiveram a influência do Teatro Nacional do Surdo, dos EUA, nos anos 70, conforme Quadros e Sutton-Spence (2006):

Os dois poetas vêm de diferentes culturas surdas nacionais, sem histórias de conexão cultural ou patrimônio compartilhado. Entretanto, eles trabalham dentro de um viés poético internacional indiretamente relacionado, que pode ser remontado a partir do trabalho pioneiro da poetisa surda britânica Dorothy (“Dot”) Miles, que desenvolveu seus princípios de poesia em Língua de sinais enquanto trabalhava no Teatro Nacional do Surdo/NTD nos Estados Unidos na década de 1970. Paul Scott estudou o trabalho de Dorothy Miles e agradece a influência do estilo dela no seu próprio trabalho. Nelson Pimenta também foi influenciado pela escola poética americana, crescendo com o trabalho do NTD através do seu contato com poetas surdos americanos contemporâneos na Universidade Gallaudet. Apesar da diferença no estilo poético, ambos os poetas usam sua forma de arte em Língua de sinais para expressar suas identidades Surdas e suas próprias identidades nacionais. (p.111 - 112)

Silveira (2006), em sua pesquisa de mestrado na UFSC defende que são necessários muitos estudos nesta área, principalmente porque a presença da língua brasileira de sinais na escola fortalece a liberdade de expressão, e por esta razão a poesia deveria ser trabalhada mais especificamente, incentivando e motivando os alunos a escreverem nesse gênero literário. Para Quadros (1997):

Se a língua de sinais é uma língua natural adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com pessoas que usam essa língua e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais (p. 27). Os conteúdos devem ser trabalhados na língua nativa das crianças, ou seja, na Libras (p. 32)

Os poetas surdos, na maioria das vezes, publicam as poesias em língua de sinais através do ambiente virtual, onde são postados vídeos de livre acesso e onde percebemos também uma produtividade na constituição e no fortalecimento de certas características das produções literárias em língua de sinais.

É um assunto relevante e significativo na vida dos sujeitos surdos e que merece destaque e uma contínua busca por aprofundamento. Nesse sentido, na próxima seção desenvolvo uma análise de poemas em língua brasileira de sinais.

3. BAÚ ESTÁ ABERTO

Esta seção tem como objetivo apresentar as pesquisas para o desenvolvimento do presente trabalho, bem como a metodologia de investigação.

Entendo metodologia como uma forma de proceder ao realizar uma pesquisa, ou seja, sobre os caminhos que trilhamos para realizar a busca dos tesouros escondidos nos baú repleto de poemas em língua de sinais.

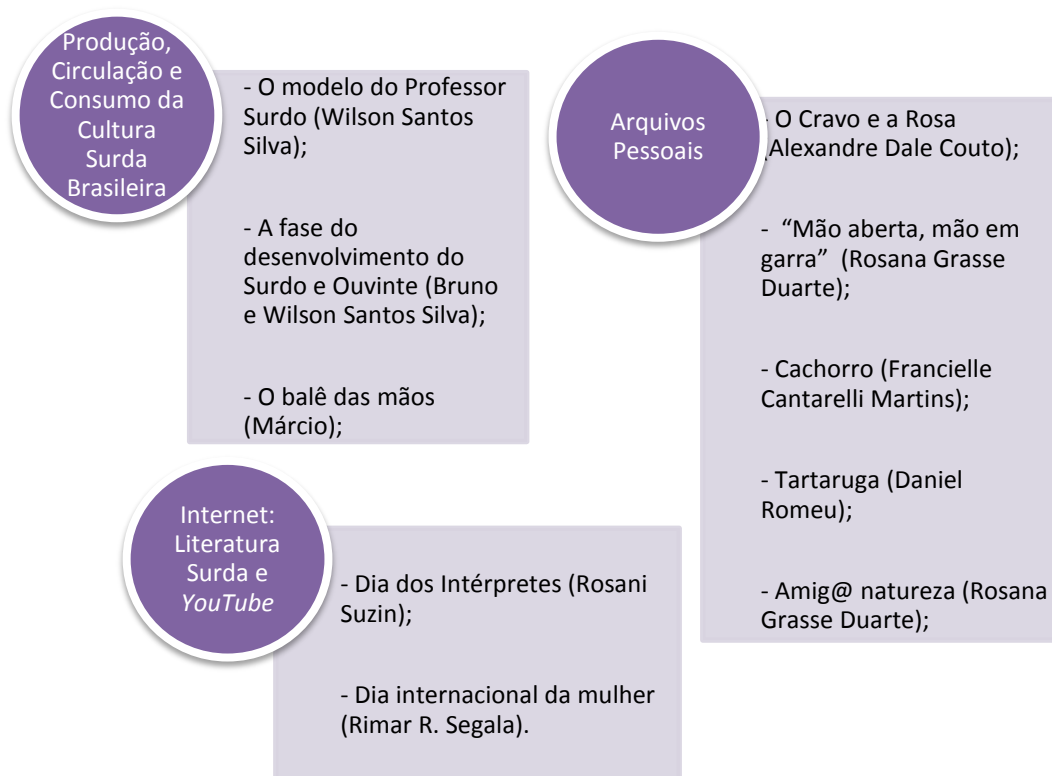
Com o objetivo de apresentar como conduzo a pesquisa que realizo, a metodologia que utilizo consiste em tradução, descrição e análise detalhada dos poemas em vídeos, buscando recorrências em produções de poesias produzidas em língua brasileira de sinais. Escolho inicialmente quais materiais farão parte de minha pesquisa e realizo a tradução, descrição e análise de cada poema. Priorizo a análise de dois aspectos: o estudo linguístico e as temáticas presentes nos poemas, tendo em vista aproximações com as representações e a pedagogia cultural, no sentido de verificar o que os poemas nos ensinam. Após isso, faço uma aproximação com os Estudos Surdos e os Estudos Culturais em Educação, contextualizando a literatura surda. Para Cancilini (2008) os materiais não são simplesmente objetos e sim uma posse de significados, com valor contextual onde se encontram as coisas da vida das pessoas.

Tive contato com materiais catalogados no Projeto de Pesquisa intitulado Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira, desenvolvido por três universidades federais – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Universidade Federal de Pelotas e Universidade Federal de Santa Maria, quando iniciei o mestrado, mas já venho realizando a coleta de materiais sobre a temática há algum tempo. Após conhecer o projeto, selecionei material do banco de dados dessa pesquisa para a composição do material empírico da presente dissertação, associado a buscas na internet em diferentes sites, como Literatura Surda e *youtube*, e meus arquivos pessoais.

O projeto Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira tratou de organizar as produções editoriais, no *youtube* e atividades realizadas na disciplina da Literatura Surda do curso de Letras-Libras, mas também buscou coletar materiais sobre a cultura surda dentro do território nacional, em escolas de surdos, na Federação Nacional de Integração e Educação de Surdos (FENEIS) e em

associações de surdos. Desta forma, se apresenta como um banco de dados aos pesquisadores. Analisou a produção, a circulação e o consumo da cultura surda no Brasil. Uma publicação que registra parcialmente a pesquisa encontra-se no livro: *Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. (KARNOPP, KLEIN e LUNARDI-LAZZARIN, 2011)

A seguir segue um esquema que apresenta o local e o material pelo qual a investigação do problema proposto é viabilizada, a fim de que os objetivos traçados sejam atingidos.



Para desenvolver as análises poéticas, optei pela construção que apresenta as seguintes informações: *aspectos linguísticos*: aspectos fonológicos e aspectos lexicais (neologismo e classificadores); *experiências narradas e o que os poemas nos ensinam* que abordam os assuntos tratados nos poemas do esquema anterior¹³.

¹³ O poema de Rosane Grasse Duarte, traduzo o título deste poema como “Mão aberta, mão em garra”, em referência às configurações de mão utilizadas pela autora ao dar o título do poema. Os sobrenomes de Bruno e Márcio não foram identificados nos materiais coletados.

3.1. ROLETA DOS POEMAS: ANÁLISES

Realizei várias leituras de autores que tratam de analisar poesias em língua de sinais. No Brasil encontramos poucos materiais referentes a esta temática, e em função disso surge meu interesse em aprofundar os estudos, por exemplo, nos aspectos relacionados ao uso da língua de sinais em poemas, como os estudos sobre a configuração de mão, o movimento, a locação e as expressões faciais e corporais. Além disso, tenho interesse em investigar o que os poemas ensinam, bem como as experiências narradas.

Mostrar o aspecto pedagógico dos poemas em língua de sinais requer uma investigação de como os significados contidos nos textos são produzidos. As produções literárias dos surdos, em geral, estão em conexão com o que acontece na sociedade, na educação, na natureza; nesse sentido, a forma como os poetas expressam seus poemas, as estratégias textuais possivelmente estão articuladas ao que esses sujeitos estão vivendo. A educação bilíngue, por exemplo, é um contexto com o qual alguns surdos estão em contato, e essa temática promove muitas discussões, debates e formas de expressão pessoal. A partir dessa vivência no contexto escolar, o surdo terá diferentes experiências com a língua de sinais, e isso pode ser mostrado nos poemas, demonstrando formas de expressão poética sobre um determinado tema.

Nessa perspectiva, de que modo a poesia está inserida na educação de surdos? Os poemas expressam maneiras de aprender e viver a língua e a cultura surda. Por isso, o empenho dessa pesquisa é no sentido de fazer um levantamento daquilo que os poemas ensinam, quais experiências carregam, quais representações evidenciam dos tipos de interação dos surdos na sociedade.

A intenção é mostrar o que os poemas ensinam, como o poema se configura como uma Pedagogia Cultural

Parece ter sido na década de 1990, particularmente na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a criação da linha de pesquisa Estudos Culturais em Educação, que o conceito de *pedagogias culturais* começou a ser usado no Brasil como ferramenta teórica do campo da educação.(...) Autores internacionais e brasileiros, enfoques ora mais culturalistas, ora mais foucaultianos da produtividade dos artefatos da mídia na construção de representações e de modos de ser, subsidiam as pesquisas sobre os modos como as *pedagogias culturais*

operam. (COSTA e ANDRADE, 2013, p.06 e 08)

O movimento político das comunidades surdas fez com que essas produções fossem mostradas e refinadas; desta forma a pedagogia cultural se apresenta como possibilidade de instrumento teórico. Caso não houvesse o movimento político dos surdos, talvez as produções não existissem, e os surdos continuariam desconhecendo suas possibilidades poéticas e educacionais da literatura em línguas de sinais.

Diferente dos tempos antigos quando os surdos não tinham nenhuma escolha senão a imposição de uma forma de viver a surdez, agora existem escolhas, o sujeito pode escolher como deseja viver.

As narrativas e poemas apresentados pelos surdos podem ser entendidos como dispositivos de resistência e de marcação cultural, pois os sujeitos testemunham seus legados através de suas produções. Assim, abre-se a possibilidade de (re)conhecer outras maneiras de viver e de narrar o vivido, dando uma visibilidade a muitos protagonistas anônimos a partir das histórias que são traduzidas, adaptadas, inventadas (KARNOPP, KLEIN E LUNARDI-LAZZARIN 2011, p. 26-27).

Em relação à seleção do material a ser analisado, foram escolhidos os poemas que mais se destacavam tanto no uso da língua de sinais quanto na temática contida. Foram pesquisados materiais no *YouTube*, no site literatura surda, no arquivo pessoal, além de outros materiais informais que meus colegas produziram e que guardavam sem publicar.

Assim que ingressei no mestrado recebi da minha orientadora farto material do grupo de pesquisa “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda”, onde encontrei uma grande produção poética, com cerca de quarenta e nove (49) poemas, e a soma total de materiais, incluindo meu arquivo pessoal e do Youtube, chegava ao total de setenta e dois (72) poemas. Alguns dos materiais encontrados não possuem informações completas, como autoria, ano, local de produção, etc. Mesmo assim resolvi trazer as informações disponíveis na tabela que está no Anexo B.

A minha primeira análise dos dados foi no sentido de organizar os materiais de acordo com o que minha pesquisa deseja explorar. Assim como coloquei no capítulo anterior, na esteira das pesquisas já realizadas sobre a temática, vejo a necessidade de observar como a literatura surda vem se configurando, quais

aspectos são abordados nos textos poéticos em língua de sinais. Por isso, diante dos setenta e dois (72) poemas encontrados, fiz uma categorização conforme os temas abordados, sejam eles: adaptações, traduções e criações.

Verificando as produções e as pesquisas já desenvolvidas, acredito que as criações evidenciem melhor o que a literatura surda possui de aspectos inovadores, pois trazem assuntos abordados no seio da comunidade, as preocupações, as vivências dos sujeitos que vivem e transformam a cultura.

Dentre as chamadas *criações*, foram trinta e nove (39) os poemas encontrados. Os critérios para que um poema fosse considerado uma criação foi que o texto não tivesse partido de um outro texto anterior (de modo explícito), mesmo que este poema seja inspirado em algo já sinalizado por outros surdos. Não me detive nesse tipo de informação, não cheguei a realizar entrevistas com os apresentadores dos poemas. Dentre os trinta e cinco (35) poemas, os temas que mais me chamaram a atenção foram:

Mãos	Surd@	LIBRAS	Cultura	Mundo	Intérprete	Implante Coclear
5	5	3	1	1	1	1

Tabela 1: Temáticas encontradas em poemas (criação)

Foram encontrados também outros temas, relacionados à natureza, datas comemorativas e espiritualidade. É importante ressaltar que esta escolha dos temas relevantes é decorrência da minha própria experiência enquanto pessoa surda e como participante da comunidade surda. Caso eu não fosse uma integrante dessa comunidade, provavelmente minhas escolhas seriam outras, seriam outros caminhos mais valorizados do que estes que apresento.

Numa outra análise, conforme o banco de dados foram encontrados 18 realizações de poemas (traduções), dos quais selecionei três exemplos.

	Título	Autor@
1	A casa	Vinícius de Moraes

2	A estrela	Manuel Bandeira
3	O tempo	Mario Quintana

Tabela 2: Algumas temáticas encontradas em poemas (traduções)

Por último, quanto aos poemas adaptados, encontrei somente dois. *Mãos que falam* de Odila Lang que aprendeu a língua de sinais e escreveu um texto e uma aluna de Letras-Libras adaptou esse texto para a língua de sinais *Você precisa ser surdo para entender*. Esse poema possui uma estrutura um pouco diferente dos até agora analisados. Há a repetição do título “você precisa ser surdo para entender”, em forma de estribilho, para marcar as estrofes e a organização poética. Apenas no final da poesia o aspecto linguístico do uso de configuração de mão e locação ficam evidentes, e muda apenas a direção do movimento, como pode ser visualizado nas imagens a seguir:



Imagem 3: Fragmento do poema *você precisa ser surdo para entender*

Fonte: Banco de dados do projeto Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira (2012)

Dentre o material visualizado havia uma diversidade de gêneros, no entanto fiz a opção por selecionar somente as criações poéticas. Esta escolha se deve ao fato de que nos poemas criados, há a recorrência de neologismos e metáforas em língua de sinais, o que demonstra uma utilização da língua como “sinal-arte”, como já referi anteriormente. Nas poesias traduzidas ou adaptadas, não há esta recorrência, e percebo uma utilização dos sinais numa forma mais corriqueira, sem muitos recursos estéticos. Os poemas foram escolhidos em razão dos seus enredos, conforme descrevo a seguir, mas principalmente pelo fascínio que trazem ao ser

assistidos, neste sentido, escolhi tais poemas por identificar uma produção estética que se destaca em relação aos outros visualizados.

A título de informação, há poemas também produzidos na escrita da língua de sinais (ELS), que é um sistema de representação escrita da língua de sinais, trazida para o Brasil no ano de 1995¹⁴. Algumas manifestações literárias de surdos, principalmente livros para crianças, apresentam além do português escrito, a versão em ELS, marcando desta forma mais um elemento relacionado à língua de sinais e sua representação escrita. No entanto, nos locais pesquisados, não foi possível encontrar nenhum exemplo de poesia utilizando a ELS.

Os registros dos poemas são realizados em vídeos (DVDs, filmagens), de forma sinalizada e escrita (através de legendas) caracterizando o espaço da língua visual-gestual.

Após visualizar o material de todas essas diferentes fontes, escolhi dez poemas, tendo em vista o critério de criação poética: seis dos alunos do curso de Letras-Libras, dois do meu arquivo pessoal e dois do *youtube*.

Para o desenvolvimento desta dissertação serão analisados os seguintes poemas, segundo as justificativas que descrevo a seguir:

1. **O modelo do Professor Surdo** (Autor: Wilson Santos Silva) – O poema tematiza professores surdos na escola de surdos, professores que sabem a língua de sinais, que são fluentes e que proporcionam um rico ambiente linguístico às crianças surdas.
2. **Dia dos Intérpretes** (Autora: Rosani Suzin) – Tematiza e homenageia o trabalho de Tradutores-Intérpretes de Línguas de Sinais. Aborda uma característica marcante de poemas ao trabalhar com histórias ABC, evidenciando uma “fronteira” entre a língua de sinais e a língua portuguesa.
3. **O Cravo e a Rosa** (Autor: Alexandre Dale Couto) – O poema trata do amor proibido entre “mundos” diferentes. A escolha deste poema se justifica pela forma de criação, já que o sinalizador produziu esse poema de forma espontânea, com destaque para os aspectos estéticos utilizados.

¹⁴ Stumpf (2005) realiza uma análise da sua experiência no ensino fundamental, onde encontrou alunos com a dificuldade de compreender e escrever em português. Em sua pesquisa faz relações com o campo da linguística, e relata o surgimento do *signwriting* em 1974, um sistema de representação escrita para a língua de sinais.

4. **“Mão aberta, mão em garra”**¹⁵ – (Autora: Rosana Grasse Duarte) - Surda, que tem uma série de poemas não publicados, sendo um deles analisado por Heinzemann (2013). Carrega em sua sinalização elementos característicos das produções poéticas. De forma marcante impressiona desde o primeiro olhar.

5. **Cachorro** (Autora: Francielle Cantarelli Martins)

6. **Tartaruga** (Autor: Daniel Lopes Romeu)

Poema 5 e 6 são semelhantes, pois as personagens são animais (cachorro e tartaruga) sendo espécies isoladas e tristes até encontrarem outro da mesma espécie e se tornam felizes. Os dois poemas não possuem título.

7. **A fase do desenvolvimento do Surdo e Ouvinte** - (Autores: Bruno e Wilson Santos Silva) – Relatam paralelamente o desenvolvimento entre Surdo e Ouvinte, mostrando cada fase do desenvolvimento, desde a infância até a vida adulta. Os autores utilizam técnica de edição para mudar os dois sujeitos do poema. Ficou um jogo interessante, pois cada autor desenvolve um papel dentro do poema alternadamente.

8. **O balê das mãos** – (Autor: Márcio) – é uma forma de homenagem do curso Letras-Libras onde tem a possibilidade de divulgar a importância da língua de sinais.

9. **Amig@ natureza** – (Autora: Rosana Grasse Duarte) – O poema traz uma crítica aos modelos de educação de surdos, pois mostra a proibição da língua de sinais no método oralista. Tal método é representado através dessa proibição, mostrando uma mudança na vida da personagem. No decorrer do poema, a vida da personagem é novamente transformada, quando muitas árvores surgem no poema. A configuração de mão para o sinal de árvore é aproveitada para a execução do sinal de “sinalizar”, marcando, na minha opinião, uma espécie de rima entre os sinais de “árvore” e “sinais”. Marca o sofrimento de proibição de uso em língua de sinais e a posterior superação.

10. **Dia internacional da mulher** – (Autor: Rimar R. Segala) – O poema consiste em uma homenagem ao Dia Internacional da Mulher. Primeiro o apresentador oferece uma flor para a câmera, que a recusa. Tal recusa é feita com o balançar para os lados do foco da câmera. No final, o apresentador oferece oito flores, número correspondente ao dia em questão, para a câmera, que faz um movimento afirmativo com o foco e recebe as flores.

¹⁵ Traduzo o título deste poema como “Mão aberta, mão em garra”, em referência às configurações de mão utilizadas pela autora ao dar o título do poema.

Na análise de poemas em língua de sinais, recordando o poema que criei para minha formatura, ao ser escolhida como sinalizadora da turma utilizei o recurso da repetição, onde o “flash da foto” marca a mudança das estrofes. Um conjunto de versos compõe a estrofe, dentro da qual pode surgir a rima, ou seja, a semelhança visual no final de diferentes versos.

Uma estrofe é construída a partir de um conjunto de versos, que podem ser dois, três ou mais, formando um poema. Aprofundando a análise dos poemas do texto, observa-se a repetição de palavras, recurso muito conhecido, que acontece sempre na mesma posição, pode ser no início, meio ou final de vários versos. Assim como na língua de sinais tem a mesma técnica. Observe as imagens a seguir, apresentando as repetições dos sinais, através de alguns fragmentos selecionados.



(...) LIVRO-ABRIR

Observe as estrofes:



(...) ESTUDAR - FLASH



(...) MEDO - FLASH



(...) IMAGINAR - FLASH



(...) ESPERANÇA - FLASH



(...) VITÓRIA - FLASH



(...) FAIXA -FLASH



(...) DIVERSÃO - FLASH



(...) MOCHILA - FLASH



(...) SENTAR - MESA - FLASH



(...) LER - FLASH



(...) DESESPERADA - FLASH



(...) ESTUDAR - SONO -

FLASH



(...) ENTREGAR-DÚVIDA

- FLASH



(...) ENTREGAR-FINAL -FLASH



(...) CONSEGUIR - FLASH



(...) FECHAR-LIVRO



RECORDAÇÕES:

COLEGA – FELIZ - TOGA

Imagem 4: *Formatura*

Autora: HEINZELMANN, Renata (2009)

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Este recurso de repetição está presente em grande parte dos poemas sinalizados, compondo as características que podem ser encontradas nos sinais. No caso do poema apresentado anterior sobre a “formatura”, o recurso da repetição é utilizado para marcar as passagens, os momentos de início e conclusão do curso de graduação na universidade. A cada novo “flash” surge uma nova cena que corresponde a um novo passo. Por exemplo, o vestibular, as pilhas de livro para estudar, os trabalhos para entregar, o temido trabalho de conclusão (TCC) e por fim a festejada formatura.

Partindo destas informações, para analisar os poemas escolhidos, privilegiei a descrição e análise de *aspectos linguísticos e das experiências narradas* nos poemas.

Procurei analisar também a representação sobre surdos, tendo suporte na teoria do Hall, pensando que estes poemas mostram os significados produzidos pelo e para o sujeito surdo. Este é o trabalho de refletir sobre a linguagem. Hall explicita (1997):

A “linguagem”, portanto, propicia um modelo geral de como a cultura e a representação funcionam, especialmente no que veio a ser conhecido como abordagem *semiótica* —*semiótica* sendo o estudo ou “ciência dos sinais” e seu papel geral como veículos de significado na cultura.(p. 5-6)

Conforme Hall é fundamental para uma língua e seus significados apresentar um modelo de representação e construir amplamente objetos e práticas culturais. Concluo que a poética faz parte da relação das questões acerca da representação, cada produção tem um significado e valores de uma cultura, neste caso, a cultura surda.

3.2. ASPECTOS LINGUÍSTICOS

Aproveitando os estudos linguísticos já realizados em relação às línguas de sinais, e fazendo comparações com as análises de poemas produzidos em língua portuguesa, procuro desenvolver análises das formas linguísticas encontradas nos poemas.

As análises de poemas escritos, produzidos em língua portuguesa, de modo geral, analisam aspectos lexicais, sintáticos e semânticos. O nível lexical do texto verifica de quais palavras ele se compõe. O vocabulário do texto pode revelar o nível de linguagem: culto ou coloquial, sendo que, de modo geral, a linguagem coloquial é mais frequente nos poemas modernos. Mas também há poemas modernos em linguagem culta, assim como poemas tradicionais compostos em linguagem cotidiana. O segundo nível, o sintático, explica que o leitor pode "ler" a organização sintática do texto começando, por exemplo, pela pontuação, isto é, o levantamento do tipo de períodos do texto: curtos ou longos; frases ou orações isoladas.

O terceiro nível, o semântico, nunca deixa de estar presente. As figuras sonoras, a organização sintática, o vocabulário, o emprego das categorias gramaticais só podem ser analisados tendo-se em vista o sentido global do texto. Algumas figuras, cuja presença no poema pode implicar importantes efeitos semânticos, são abordadas nas figuras de similaridade, como a comparação, a metáfora, entre outras figuras de linguagem.

Poucos são os estudos sobre poesias em línguas de sinais. A pesquisadora Sutton-Spence, citada anteriormente, analisou as poesias brasileiras realizadas por Nelson Pimenta, as quais envolvem temáticas mais relacionadas com o status de legitimação da língua de sinais e afirma perceber que as pesquisas estão focadas no campo linguístico, que teve início com Stokoe¹⁶.

Os poemas tematizam as marcas históricas da vida dos surdos como o Congresso de Milão. As poesias demonstram, em sua maioria, o sofrimento, a busca dos surdos para alcançar o seu espaço e valorização, expresso em poesia e divulgada nas histórias da comunidade surda. Sutton-Spence sugere que a poesia se apresenta como forma de merecimento aos surdos, para parabenizá-los pela sua história de luta através da sua língua, cultura. É como se representasse a luta de todos os surdos do mundo.

¹⁶ William Stokoe (1920-2000) foi um dos primeiros linguistas a estudar uma língua de sinais com tratamento linguístico. Considerado o pai da linguística da língua de sinais americana.

Além de tratar das temáticas, pretendo apresentar as categorias para análises linguísticas das poesias escolhidas para esta dissertação. É importante lembrar que mesmo fazendo esta categorização, os aspectos linguísticos permanecem relacionados às experiências narradas e aos ensinamentos presentes em cada um dos poemas.

3.2.1. Aspectos fonológicos

A maioria dos poemas escolhidos obedece aos padrões linguísticos da língua brasileira de sinais. O presente estudo se detém em recorrências nos poemas, seja quanto às formas linguísticas que aparecem em muitos poemas ou temáticas que também se repetem. Nesta seção, descrevo, por exemplo, a maneira de utilizar as configurações de mão, o uso do espaço, etc.

Neste sentido, cabe ressaltar que a língua de sinais brasileira, assim como qualquer língua de sinais, é organizada espacialmente, de forma bastante complexa, e apresenta um conjunto de unidades menores (sublexicais) que são compostas pelas configurações de mãos (CM), pelas locações (L) e pelos movimentos (M) e expressões não-manuais (expressões faciais e corporais), como demonstra a figura a seguir:

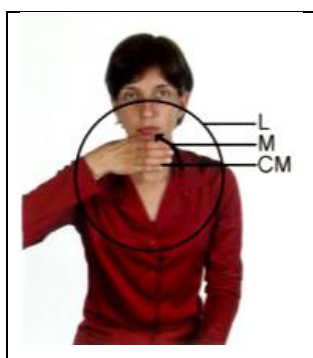


Imagem 5: Unidades que compõem sinais
Fonte: QUADROS e KARNOPP (2004, p.51)

Os poemas são realizados com configurações de mão, podendo usar uma mão ou duas mãos. As configurações de mão mais frequentes nas línguas de sinais são aquelas com a mão completamente aberta, fechada ou com um dedo estendido (indicador), segundo estudos realizados por Karnopp (1999).

Um exemplo é do poema *O modelo do professor surdo*, onde se repete a CM aberta representando a pessoa fluente em língua de sinais, e a CM de um dedo sendo a pessoa não fluente. Nesse caso, a CM demonstra uma diferenciação, permitindo uma distinção fundamental para o poema, sendo que cada CM se realiza em um lado do espaço de sinalização, em uma marcação específica. Realiza-se em espaço diferente porque são personagens diferentes:



Imagem 6: *O modelo do professor surdo*

Fonte: Banco de dados do projeto Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira (2012)

Segundo Quadros e Karnopp (2004), no que se refere ao espaço de enunciação, um mesmo sinal pode ser realizado em diferentes locais, envolvendo espaços mais amplos ou pontos específicos do corpo. O espaço neutro, que corresponde à área localizada na frente do sinalizante é amplo, enquanto que sinais feitos ou em contato com o corpo (nariz, testa, peito etc) são pontos de articulação específicos.

Nos poemas analisados, o espaço neutro é mais utilizado para a realização dos sinais, como apresentado nas imagens, esse tipo de espaço é bastante recorrente. Seguem alguns exemplos:

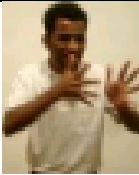
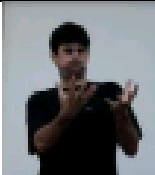
			
O modelo do professor surdo	Dia dos intérpretes	O cravo e a Rosa	<i>Mão aberta, mão em garra</i>
Sinal FLUENTE EM LS	Sinal COMPANHEIR@ com D	Sinal EXUBERANTE	Sinal CAUDA-SEREIA

Tabela 3 – Análise da utilização do espaço de 4 poemas

O movimento é um parâmetro que tem várias formas de ser apresentado. Para isso é necessário que haja um objeto, as mãos do sinalizador; e o espaço, que é o local da enunciação. O movimento diferencia substantivos e verbos, na direcionalidade de certos verbos e pode variar o tempo do verbo. O poema “*Dia dos Intérpretes*” repete o mesmo movimento \uparrow e \downarrow . A poetisa sinaliza em movimento de vai e volta, na soletração D-I-A- D-O- I-N-T-É-R-P-R-E-T-E, como observamos na sinalização a seguir:


		
Soletração D	Soletração I (começo-ida)	Soletração I (fim- volta)

Tabela 4 – Movimento realizado em um poema

Outro exemplo é em relação à direção do olhar e dos movimentos corporais, por exemplo, ao referenciar dois lados, como no poema *O Cravo e a Rosa*, são marcadas as diferenças entre dois mundos e, ao retomar estas marcações cria uma possibilidade de rima. Além disso, a poeta utiliza uma metáfora quando transforma os espaços dos referentes, cravo e rosa, em “mundos” distintos.

A expressão facial é outro elemento de grande importância nos poemas, como podemos verificar no poema a seguir, pois vai determinar as emoções a serem expressas, por exemplo: felicidade, tristeza, ânimo, paixão. No poema *Amig@ Natureza*, a poetisa mostra duas expressões faciais importantes: alegre e triste, conforme a imagem 7:



	Oralização Forma triste		Árvore carinho Forma alegre
---	----------------------------	--	--------------------------------

Imagem 7: Expressão facial de um poema
 Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Quando a sinalização se refere à oralização, a expressão facial demonstra tristeza. Quando a sinalização se refere à árvore, cujo sinal se transforma em uma ação de acariciar a cabeça, a expressão facial se transforma, revelando alegria. Podemos ver essa metáfora da árvore em muitas sinalizações em outros poemas.

3.2.2. Aspectos lexicais

O uso da configuração de mão é uma característica fundamental nas línguas visuo-espaciais e está presente em todos os níveis de análise. No nível fonológico são analisadas as configurações de mão isoladamente, enquanto que no nível lexical são analisados os sentidos de cada configuração dentro das poesias. Por exemplo, mãos abertas ou inicialmente abertas, durante a sinalização, carregam o significado de imagens alegres ou positivas, enquanto que mãos semiabertas ou que inicialmente estão fechadas, normalmente, transmitem tensão e significados negativos. Mas, dependendo da intenção do poeta, essa regra pode ser modificada, levando em conta os aspectos lexicais, assim como apresentam as imagens a seguir:



(...) CRESPO - CÉU - NASCER - ASA-ANJO



(...), BOCHECHA – CRESPO - PEITO - SEREIA – NASCER - MAR



(...) CORPO – NASCER - MUNDO



(...) CORAÇÃO

Imagem 8: Poesia “*Mão aberta, mão em garra*”

Autora: GRASSE, Rosane (1999)

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

No poema apresentado anteriormente, que trata do nascimento dos anjos, sereias e pessoas, as características alegres e positivas são evidentes nas configurações de mão predominantes na sinalização:

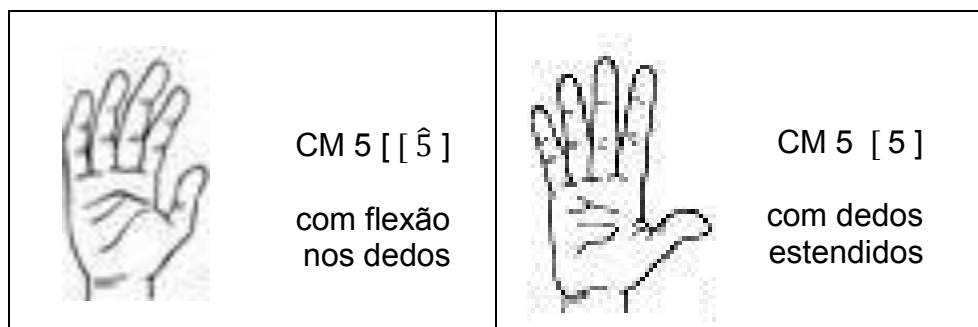


Figura 5: CM recorrente em poema

Fonte: QUADROS e KARNOPP (2004, p.53)

Mãos abertas ou inicialmente abertas e semiabertas são marcantes ao longo da sinalização. Para entender o nível lexical das configurações, observemos duas produções de sinais. Primeiro os sinais com as mãos completamente abertas: ASA, NASCER (repetido três vezes), SEREIA, MAR, PESSOA (apontando para o corpo), MUNDO. Como mostram as imagens:

	ASA
	NASCER
	SEREIA
	MAR
	PESSOA
	MUNDO

Tabela 5: Poema com as mãos abertas
 Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Um segundo grupo dos sinais com configurações de mãos semiabertas: CRESPO (repetindo duas vezes), BOCHECHA, CÉU, PEITO, CORPO-FORTE, CORAÇÃO. Como mostra as imagens:

	CRESPO
---	--------

	BOCHECHA
	CEU
	PEITO
	CORPO-FORTE
	CORAÇÃO

Tabela 6: Poema com configurações de mãos semiabertas
 Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Constata-se que não existem sinais com CM fechadas nesse poema. No primeiro grupo observam-se oito sinais e no segundo sete sinais. O poema está representado, basicamente, por configurações de mãos total e parcialmente abertas.

Essas configurações de mãos representadas no poema construíram uma história que não remete diretamente com os aspectos da comunidade surda, mas valoriza, assim como em outras línguas, os aspectos linguísticos para obter efeitos estéticos. O poema tem a sua organização na utilização das configurações de mãos que repetem, onde se formam possibilidades linguísticas completamente criativas e novas. Pode-se verificar que a configuração de mão aberta está conectada ao sentido de valorização da língua de sinais, à comunicabilidade.

No aspecto lexical, destaco a recorrência de neologismos e classificadores, os quais serão brevemente descritos.

(a) Neologismo

O neologismo é um novo sinal presente em poesias, carregado de significados que passa a ser disponibilizado para uso da comunidade surda. Uma pesquisa realizada na língua americana de sinais, por Clayton Valli (1995), apresenta uma coletânea de vinte e uma (21) poesias com grupos de sinais novos, que posteriormente passam a fazer parte do léxico utilizado pelas comunidades surdas.

Neologismos são palavras ou expressões novas criadas nas poesias, que podem surgir de um modo espontâneo, das relações entre as pessoas através do uso da língua. Sutton-Spence (2008) aponta que, quando o poeta quer ajustar um sinal ao esquema do poema ou, quando da criação de um sinal novo, ocorre a quebra da previsibilidade, levando o público a permanecer atento ao poema.

Nos poemas aqui analisados, alguns exemplos de neologismo aparecem no poema “*Dia do Intérprete*”, no qual a poetisa sinalizou utilizando classificadores, representando duas pessoas caminhando com CM “D”. Exemplo de outro poema a seguir:



Imagem 9: Neologismo em um poema.
Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

No poema o “*O Cravo e a Rosa*”, para o sinal de “apaixonar”, foi utilizada a forma de ramalhete, diferente do léxico padrão normalmente utilizado em língua de sinais, que é realizado com a forma de coração. Essa mudança na CM também pode ser considerada uma sutileza poética, pois emerge do contexto de uma paixão entre duas flores. A forma escolhida pelo poeta para designar a relação amorosa, como é mostrado seguindo, é similar a um ramalhete, estando afinado com o significado do poema.

(b) Classificadores (CL)

Com o objetivo de descrever classificadores, optei em fazer uma comparação entre classificadores e poesia concreta, a qual refere-se a um tipo de poesia que provoca e estimula a visualidade, neste sentido, podemos inicialmente observar o texto poético:

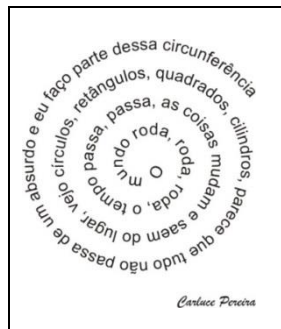


Figura 6: Poema Concreto

Fonte: BLOGGER AARONCM (2012)¹⁷

Encontramos outros exemplos de poesia concreta, por exemplo, “A cegueira revisitada” vemos uma produção poética realizada por um grupo de alunos, após assistirem ao filme “Ensaio sobre a cegueira”, baseado na obra de Saramago, onde utilizam formas como óculos, e são feitas em relevo.



Figura 7: Poema concreto: Ensaio sobre a cegueira

Fonte: RANGEL, Denise (2008)¹⁸

¹⁷ Disponível em <http://aaronclauss.blogspot.com.br/2010/08/poema-concreto.html>. Acesso em 07 mai 2012.

¹⁸ Disponível em <http://rodadeleitura.drang.com.br/a-cegueira-revisitada/>. Acesso em 15 ago. 2013.

Poderiam ser feitas para surdos, com forma de orelha, mãos, prótese auditiva ou relacionadas aos intérpretes, vinculadas a subjetividade de quem as produz. Entretanto, estas produções se manifestam em sua maioria, em língua de sinais, para demonstração poética da sua cultura.

Escrito a partir de uma ou diferentes formas geométricas, a poesia concreta busca a superação do verso como unidade rítmico-formal. Em língua de sinais este estilo poético também pode ser utilizado, relacionado ou não à temática surda. Os classificadores usam um tipo de morfema lexical para referir um sinal, para descrever uma forma ou tamanho do referente que se comporta na ação verbal, dependendo da situação, ou do evento narrado. (PIZZIO et al, 2008)

A este uso de elementos visuais chamamos de Classificador (CL), na sua maioria icônicos (visualmente motivados), ou seja, identificamos seu significado pela semelhança entre a sua forma ou tamanho do objeto e/ou da pessoa que está sendo apresentada.

Em língua de sinais são encontrados alguns poemas que apresentam estas características de sinais em relação objeto-significado, ou seja, classificadores. Observe as imagens a seguir:

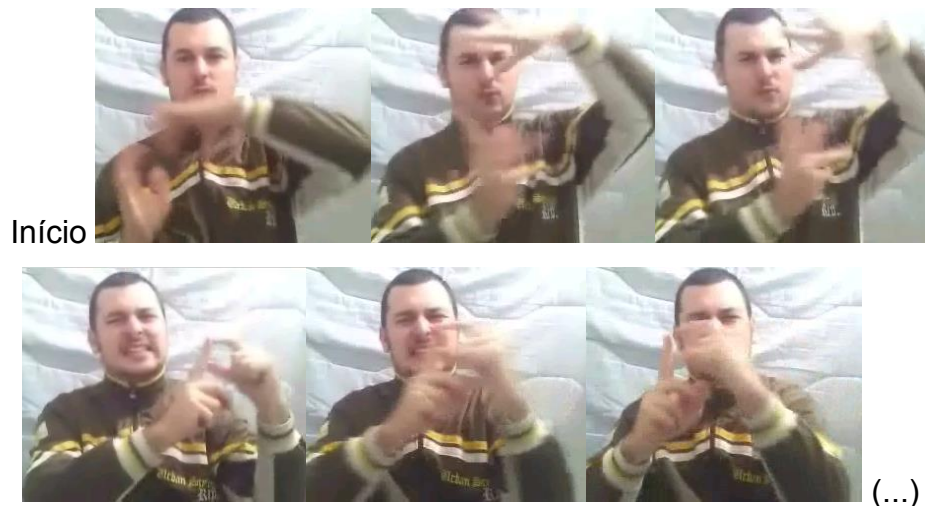


Imagem 10: *O balê das mãos*

Fonte: Banco de dados do projeto Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira (2012)

A imagem anterior é o segmento de um poema que se refere ao *mundo* e às palavras nele contidas. As palavras, ao invés de serem indicadas com o sinal de

“palavra” no espaço neutro, são sinalizadas circularmente, seguindo uma rotação em torno do sinal de “mundo” realizado anteriormente.

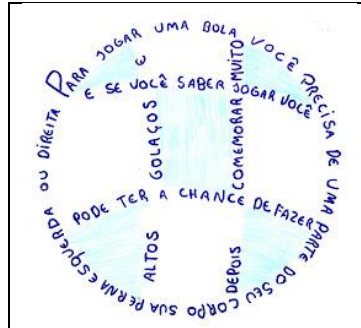


Imagem 11 : Mundo

Fonte: SILVA, Vinicius (2013)¹⁹

Seguindo a ideia do poema anterior em língua brasileira de sinais, exemplifico com o poema Mundo trabalha com a ideia de palavras ao redor do mundo.

Para representar o mundo das palavras, o poeta utiliza as configurações de mão:

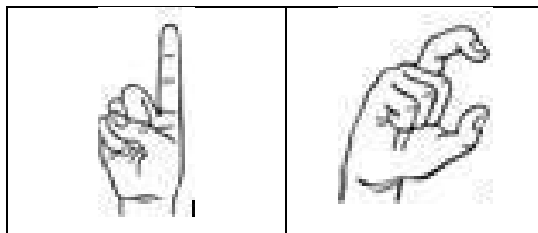


Figura 8: Duas configurações de mão

Fonte: QUADROS e KARNOFF (2004, p.53)

Neste sentido, a sinalizadora faz referência ao sinal de mundo e de palavra, demonstrando a relação da forma apresentada com quaisquer palavras escritas na forma do mundo.

Não são todos os poemas que possuem todos os elementos linguísticos citados anteriormente etc., por exemplo, o poema a seguir. Este poema lida com algumas formas linguísticas excluindo outras. A confusão entre o neologismo e os classificadores, como mesmo elemento linguístico, podem ocorrer em virtude da forma como surgem nas produções poéticas. O neologismo trata do surgimento de

¹⁹ . Disponível em <http://literatortura.com/2013/10/breve-historia-sobre-o-concretismo-do-surgimento-ate-a-Atualidade-ahoradopoema/>. Acesso em 11 dez. 2013.

um novo sinal para se referir a uma situação, objeto, etc., enquanto que os classificadores são elementos de intensificação de um sinal já existente. Na produção poética, os neologismos são novos sinais ainda não visualizados em outra sinalização, na medida em que os classificadores são sinais recorrentes em outras produções existentes. Exemplos da diferença entre os neologismos e classificadores são possíveis de se verificados nas tabelas das minhas análises (Anexo C), onde separo estes elementos linguísticos para melhor compreensão do leitor.

O poema “*Mão aberta, mão em garra*” não tem neologismos, mas utiliza muitos classificadores. Encontramos seis (4) em língua de sinais, como nos exemplos a seguir:



Imagem 12: Classificadores

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Quando há personagens das poesias, normalmente se vê o uso de até três personagens. No caso da poesia em língua de sinais, o poeta desloca o corpo, braços e expressões faciais demonstrando personagens diferentes.

Os sinalizadores de língua de sinais estabelecem e marcam os personagens com o corpo ou com as mãos no espaço/locação, e estes referentes podem estar fisicamente presentes ou não.

Existem poemas em que o sinalizador assume papéis de animais, objetos, uma coletividade de indivíduos assim como do poema *Cachorro* e *Tartaruga* tem a sua característica que não é preciso aproximar indivíduo similar do nosso mundo real.

O cachorro é representado pelo referente, como mostra a imagem 13, quando o sinalizador usa as patas fechadas e o rabo, representado pelo dedo indicar, que ao abanar demonstra felicidade.



Imagem 13: Um animal no poema
 Autora: MARTINS, Francielle (2006)
 Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Da mesma forma, outro poema representa uma tartaruga com a pata, sendo a CM utilizada com a palma aberta e os dedos fechados.



Imagem 14: Uma tartaruga
 Autor: ROMEU, Daniel (2006)
 Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Depois de serem introduzidos no espaço/locação, os pontos específicos podem ser referidos posteriormente no discurso. Quando os referentes estão presentes, os pontos no espaço/locação são estabelecidos baseados na posição real ocupada pelo referente. Um referente é uma marcação na sinalização e serve para indicar de que se está falando na sinalização. Quando os referentes estão ausentes da situação de enunciação, são estabelecidos pontos abstratos no espaço/locação.



Imagem 15: Espaço de enunciação em língua de sinais

Fonte: QUADROS e KARNOFF (2004, p. 57)



Imagem 16: Exemplo do espaço/locação

Fonte: QUADROS e KARNOFF (2004, p.52)

Na poesia, novos espaços/locação referentes mostram outros personagens, os colocando em um local particular.

Para identificar as rimas, penso em como é utilizado o olhar do sinalizador. O poeta pode desviar o olhar na forma de rimas, entre dois lados diferentes do espaço, como o poema *Cachorro e Tartaruga*, que mostra um olhar para esquerda e para a direita identificando dois mundos:

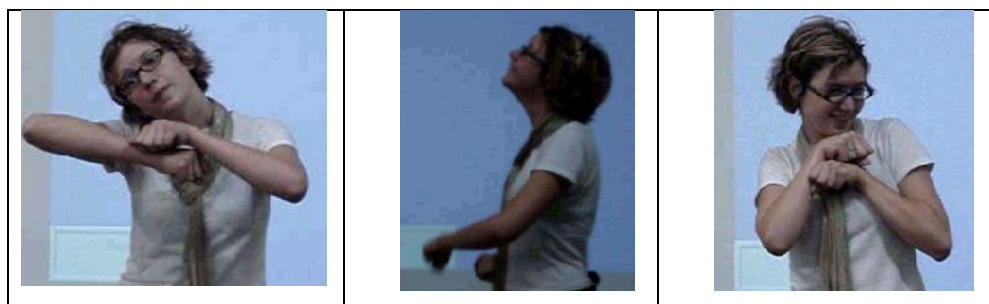


Imagem 17: O olhar seguindo as marcações espaciais.

Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora

Como é possível perceber, eles não ocupam o mesmo espaço. Os mundos parecem estar isolados e só passam a se relacionar através da união, apresentada na imagem 17.

Passando agora à minha percepção de como os elementos do léxico são utilizados nos poemas, passo a analisar alguns pontos relevantes. No poema anterior, o movimento dos olhos para direita e esquerda faz parte da simetria, que marca o espaço de cada um durante o desenvolver da sinalização. O poema trata da separação de dois mundos que se reúnem. A união é marcada pelo deslocamento dos olhos para o ponto central, desta forma não existe mais dois mundos, mas um único, onde surdos e ouvintes passam a viver juntos. A comparação entre dois mundos se dá no sentido de identificação: um cão vê outro animal se aproximar, mas não dá importância, mas, ao ver um outro cão, igual a ele e pertencente ao mesmo lugar, ele se alegra. A intenção do poema é fazer uma comparação com a questão da comunidade, com os grupos de convivência que possuem a mesma experiência.

A partir da próxima seção, passo a descrever as experiências narradas e o que os poemas ensinam. Até aqui eu descrevi os elementos linguísticos presentes nos poemas para poder subsidiar as próximas categorias a serem analisadas. Com isso tenho a intenção de mostrar ser impossível se ater apenas à forma linguística ou ao conteúdo quando se trata de estudar poesias.

3.3. EXPERIÊNCIAS NARRADAS

Os poemas a serem analisados nesta seção são:

- *O modelo do professor surdo*
- *O cravo e a rosa*
- *Cachorro*
- *Tartaruga*
- *O balé das mãos*
- *Amig@ natureza*

Os poemas enumerados estão mais alinhados com o que classifico como *experiências narradas*. Após verificar os poemas, descritos no esquema que apresenta o local de onde foram retirados, realizo esta classificação para melhor

visualização das análises.

Antes de identificar os poemas, encontro nas investigações de Sutton-Spence a colocação de que mesmo os surdos estando em países diferentes, com língua de sinais diferentes, revelam semelhanças em suas identidades surdas. A temática dos poemas, na sua maioria, é sobre experiências de vida, espelhando os sentimentos dos surdos, como membros de uma mesma comunidade, que partilham a mesma cultura. A poesia como um momento de partilha de experiências pessoais e de valores de uma comunidade. Hall (1997) entende a cultura como:

Processo através do qual a sociedade incute normas, padrões e valores — em resumo, a “cultura” — na geração seguinte na esperança e expectativa de que, desta forma, guiará, canalizará, influenciará e moldará as ações e as crenças das gerações futuras conforme os valores e normas de seus pais e do sistema de valores predominante da sociedade? (p.41)

Nos poemas vemos de forma subjacente a ideia de **deafhood** – “Ser surdo” - Se vocês nos perguntarem aqui: o que é ser surdo? Temos uma resposta: ser surdo é uma questão de vida. Assim como Perlin e Miranda (2003) quando dizem que SER SURDO implica uma resposta àqueles que se refugiam comodamente sob a palavra deficiência, e a nomeiam em sua epistemologia, recusando-se a ser na diversidade e assumindo a diferença. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência visual. Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico.

Além disso, o “orgulho surdo” - quero dizer do orgulho que temos, não só o orgulho da língua e da cultura, mas é o próprio “orgulho de ser surdo”, como a maioria dos surdos tem, como McCLEARY (2003) defende:

Ou o ouvinte pode pensar: “O surdo não pode usar a língua oral, então ele se satisfaz com a Língua de sinais, mas isso não faz mal! Deixa ele ter orgulho da sua língua. Ele pode ter orgulho de muito pouco na vida, então deixa ele ter orgulho da língua.” Mas isso está tudo errado. Parece que no fundo o ouvinte acha que o surdo é um coitado, e quando o surdo diz que ele tem orgulho da sua língua, nada muda na cabeça do ouvinte. Ele não precisa entender o surdo; ele continua achando a mesma coisa. Agora, diga para um ouvinte, “Eu tenho orgulho de ser surdo!” O ouvinte vai ficar chocado. Ele vai ficar confuso. Por que razão ter orgulho de ser surdo? (p.2-3)

Isso se relaciona um pouco com a minha experiência de ser surda, ter a minha vida, formei a minha família, tenho dois filhos, eles são ouvintes. O implante coclear é grande polêmica. Sobre isso temos a tese de doutorado de Patrícia Rezende (2010). Muitas pessoas ficam chocadas quando digo que sou surda e tenho orgulho disso, que não tenho o menor interesse no implante para virar “ouvinte”. Já falei muitas vezes que sempre estou com vontade de fazer o processo de implante nas mãos (é a minha imaginação) dos meus filhos e as pessoas se chocam com essa inversão, de fazer com que eles se tornem surdos.

Um exemplo desse deslocamento é o poema *Amig@ natureza*, que mostra uma história que foi muito marcante para a comunidade surda. Trata-se de uma narrativa, trazendo uma história que se atualiza ao ser contada, com a possibilidade de continuidade de acordo com o que lembra e seleciona, e conta o acontecimento infeliz na história da comunidade surda. Este poema relata o sofrimento dos surdos no período do oralismo. Conforme Wrigley (1996):

The histories of deaf communities, over the past century in particular, have primarily recorded a direct oppression of their distinctive languages and of their social and cultural identity. This was not always so, as literary deaf communities flourished in eighteenth-century Europe. In colonial America, deaf Americans were among the most highly educated members of their communities. Unfortunately, as part of the pan-European swell of nationalism and the paranoia that accompanied it from the 1870s through the tum of the century, minority ethnic and language groups suffered strenuous persecution. [...] Sign languages, too, were seen as suspect and were repressed where possible. In 1880 in Milan, Italy, an International Convention of Educators of the Deaf-at which only one deaf instructor was present-passed a now infamous resolution banning the use of sign language in the education of deaf children and declaring further that sign languages should be forcibly eradicated. (p.34)²⁰

²⁰ As histórias das comunidades surdas, em particular no século passado, registraram basicamente uma opressão direta de suas línguas distintas e de sua identidade cultural e social. Isso não foi sempre assim, quando as comunidades surdas eruditas floresciam na Europa do século 18. Na América colonial, os surdos americanos estavam entre os membros mais educados de suas comunidades. Infelizmente, como parte de uma expansão pan-européia de nacionalismo e a paranóia que a seguiu de 1870 atravessando a virada do século, grupos étnicos e línguas minoritárias sofreram uma vigorosa perseguição. [...] As línguas de sinais, também, foram vistas como suspeitas e foram reprimidas onde possível. Em 1880, em Milão, Itália, uma Convenção Internacional de Educadores dos Surdos – na qual apenas um educador surdo estava presente – passou uma resolução, agora vergonhosa, que baniu o uso da língua de sinais da educação das crianças surdas e declarava ainda que as línguas de sinais deveriam ser forçosamente erradicadas. (p.34) (Tradução nossa)

Não repetirei a história de Milão, símbolo da opressão contra a língua de sinais, mas ela é crítica para a compreensão da história da opressão da cultura surda. O poema anteriormente citado traz elementos marcantes na história dos surdos. Ele não trata abertamente sobre as questões de oralização, o Congresso de Milão e a proibição da utilização da língua de sinais na educação de surdos, mas, de forma sutil, é possível perceber esta marca durante a sinalização da poesia. Um exemplo é o movimento apresentado pela poetisa Rosana Grasse durante a sinalização e, o movimento de esmagamento das mãos representando a proibição da língua de sinais. Em outro momento, o dedo indicador se desloca em direção à boca, seguido de um movimento de horror ao levar as mãos aos ouvidos, demonstrando uma pressão. Isso significaria a oralização, o treinamento da fala e por consequência a proibição da utilização da língua de sinais. O poema finaliza com o surgimento de uma árvore, que demonstra claramente as mãos que surgem e se transformam em amigas, retirando os aparelhos carregados pelos surdos e marca a utilização da língua de sinais. Neste sentido é possível observar uma ambiguidade nos movimentos e mesmo sem parecer de forma clara, existe uma contextualização histórica da sinalização.

Mesmo com os aspectos positivos apresentados ao final sobre a língua de sinais, como o salvamento da árvore através da sinalização, é possível perceber o período do oralismo na história dos surdos, as marcas de angústia na comunidade surda e na educação de surdos. Para descrever este período histórico, cito Wrigley (1996):

Oralism is the name given to those approaches that stress speech and auditory amplification. Oralism further implies a strict and rigid rejection of any use of sign language. Thus oralism is as much an ideology as it is a method, and one with a distinct teleology. As speech was considered God-given, that which separated man from beast, it was a sin to permit the deaf to remain silent (p.16)²¹.

Estas são memórias pouco agradáveis e estão relacionadas a um sentimento

²¹ Oralismo é o nome dado àquelas abordagens que enfatizam a fala e a amplificação da audição. O Oralismo também implica uma rejeição estrita e rígida de qualquer uso da língua dos sinais. Assim, oralismo tanto é uma ideologia quanto um método, e com uma teleologia distinta. Como a fala era considerada um dom de Deus, separando os homens dos animais, era um pecado permitir que os surdos permanecessem em silêncio. (p.16) (Tradução nossa)

de perda ou prejuízo, talvez algum sentimento de culpa os leve a insistir que eles, surdos, nasceram com alguma marca excludente de diferença. Para aquele que ouve, a surdez representa uma perda de comunicação, a exclusão a partir de seu mundo. Em termos de língua de sinais, o oralismo é uma marca de proibição e desaprovação. Existem muitos poetas surdos que utilizam a forma de arte poética, em língua de sinais, para mostrar a opressão e o sofrimento a que a comunidade surda esteve sempre sujeita.

As poesias são inspiradas no orgulho da língua, que forma um ambiente onde a criatividade e sua experiência de vida surgem como marcas da comunidade surda, centradas, sobretudo sobre a língua, comprovando que esta língua nunca vai morrer, mas sim sobreviveu à opressão de proibição tornando-se ainda mais rica.

Tive uma experiência durante uma oficina que realizei em comemoração ao Dia dos Surdos, na Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul, que contou com a participação de surdos e ouvintes de diferentes idades, foi trabalhado o tema poesias surdas. A primeira a ser exibida foi “Mão aberta, mão em garra”, os participantes assistiram, mas disseram não observar nada de diferente na realização desta. Entretanto, ao visualizar a segunda poesia *Amig@ natureza* os participantes surdos reagiram rapidamente afirmando conhecer a história da proibição da língua de sinais, e a obrigação em oralizar, sinalizando de forma contextualizada e coerente. Voltei a questionar sobre as percepções durante a realização da poesia “*Mão aberta, mão em garra*” esclarecendo sobre as configurações de mãos, e então foi possível a compreensão. O formato de uma poesia pode ser mais narrativo do que outro, desta forma algumas poesias são compreendidas rapidamente, enquanto que outras precisam de outros elementos (ou informações) para se fazer entender.

Esse tipo de análise trata das mudanças nas formas como os seres humanos compreendem e agem sobre si próprios, como o resultado de eventos históricos culturais. Penso que os eventos não são somente produzidos pela experiência; eles também produzem a experiência. Um poema pode e deve ser percebido de formas diferentes pelos sujeitos. Assim como eu relatei nos capítulos anteriores sobre a opressão linguística ser uma experiência compartilhada entre as pessoas surdas, é preciso fazer com que essa opressão seja colocada de maneira criativa, provocando reflexões mais profundas sobre a história e sobre a língua de sinais.

Constatedei, através da análise e da observação da reação de um grupo, que a

literatura surda está fortemente vinculada à cultura surda e às marcas na história da comunidade surda. A literatura é apresentada em língua de sinais e traz uma construção linguística, pois são narrativas que atravessam o tempo através das experiências de vida comuns aos surdos. Existem relações entre surdos e ouvintes, mas são as narrativas poéticas que contam as tristezas e angústias do passado.

A segunda poesia, *Amig@ natureza* carrega uma sensação de felicidade, por apresentar a utilização da língua de sinais como forma de expressão e valorização desta língua, na comunidade e na educação dos surdos.

Os poemas expressam experiências diversas do ser surdo. Os surdos, apesar de viverem um momento político de movimento, de identidade, também possuem diferenças importantes que devem ser respeitadas. A poesia é uma forma de perceber essas diferentes visões da experiência de ser surdo, para além de julgamentos sobre o que é vantajoso ou não.

Foi possível perceber uma dificuldade, por parte dos surdos, em compreender a produção poética no primeiro momento. Esta dificuldade pode estar atrelada ao fato de parte dos surdos, que participaram da oficina, não terem recebido uma educação literária no período de escolarização, uma vez que a temática da literatura surda é recente no espaço escolar.

Assim, no poema *O modelo do professor surdo*, o professor se expressa em língua de sinais e os alunos não conseguem compreender inicialmente, sem saber a sua língua de sinais, vivem uma transformação ao contato com a língua, à medida que o professor começa a ensiná-la. Mostrando sua cultura, o professor faz com que eles desenvolvam a língua. A partir disso, os alunos se apropriam dessa identidade, a internalizam, a cultura cresce dentro deles. Dessa forma vemos uma evidência do que falam os Estudos Surdos, ao construir este espaço onde o professor surdo expõe sua cultura, sua língua, sua identidade e sua alteridade revelando para o aluno muito do seu próprio processo formativo. Conforme Reis (2007)

Entretanto, essa questão da afirmação não há como explicar, é um termo em questão. O que os professores surdos guardam na sua identidade que se faz os alunos surdos se identificarem com a cultura, assumir sua diferença, usar a língua de sinais e perceber sua alteridade é algo importante. (p. 98)

Esta perceptiva explicita a importância de envolver um professor surdo numa escola onde existem alunos surdos, para que este os faça compreender o processo

de se formar em sua diferença, sendo isto algo que pode motivar os alunos a construir também tal identidade. Concordo com Morgado (2011) quando ela diz que o modelo surdo é importante.

Este poema traz uma narrativa que se assemelha ao depoimento de Vilhalva (2011), quando esta relata ter *vencido a barreira*, dizendo que ser surdo é *algo normal*, quando ela adentra a escola para surdos, convive com os outros surdos, e aí que começou a aceitar com mais facilidade a necessidade de uso da língua de sinais, diferente do que vivenciava antes, já que agora se forma uma “*pessoa surda com a identidade própria, com direito de ser diferente e de descobrir o fascinante mundo do ouvinte*”. (p. 67)

O exposto anterior mostra a vivência dos professores surdos na sua diferença. Estabeleço uma relação com a diferença e identidade estudadas por Perlin (1998) e Rosa (2012).

Ao entender como estamos olhando de dentro do ser surdo, pois também somos surdos, queremos destacar aqui a diferença de ser surdo na temporalidade e na espacialidade em que inventamos o ser surdo acolhendo a narrativa das identidades essenciais de ser. “*Tendo como conceito identidade cultural um conjunto de características que definem um grupo e que incidem na construção do sujeito*” (PERLIN, 1998, p.53)

Saliento que Rosa (2012) diz que a identidade surda aprende e é aprendida no grupo de surdos na inserção, nas trocas com o outro, algo que aproximo dos poemas *O cravo e a rosa*, *Cachorro* e *Tartaruga*. Estes poemas são semelhantes, expressam a forma do ser diferente, primeiro que uma flor de um ramallete não consegue namorar com outra flor de um outro ramallete, assim como os outros dois poemas usam a metáfora do animal, sendo um cachorro e uma tartaruga. Estes poemas expressam que eles encontram identificação, e, a partir disso, se tornam felizes, mostrando que cada animal também tem a sua identidade e se identifica, sendo isso um paralelo com a cultura, a identidade e a língua que se vinculam de um e de outro.

São poemas que narram experiências vivenciadas pelos surdos, que marcam a sua vida profissional, fazendo uma aproximação com as descobertas no trabalho em sala de aula, onde se veem contribuindo em sua cultura, sua identidade e sua língua. Segundo Perlin e Reis (2012, p. 38) o encontro com o outro surdo nos traz a

um parentesco, um elo ao mundo da diferença.

O último poema “O balê das mãos” é sobre o curso de letras-libras, mostrando que este curso “salvou” a nossa língua. A respeito da “salvação” que o curso de letras-Libras representa para os surdos, trago uma citação de um (PERLIN; STROBEL, 2008) que explica em que medida se dá esse resgate. O curso Letras-Libras, uma importante política educacional implantada no Brasil, é uma iniciativa de extrema importância social e histórica, haja vista ser uma ação concreta de educação voltada para aos surdos.

Conforme Thoma e Klein (2010), do movimento e das lutas surdas empreendidas na metade dos anos 90 do século XX em diante, resultaram mudanças na Educação de Surdos, entre elas, a formação de professores surdos e sua inserção nos espaços escolares. Muitos desses professores narram experiências escolares como potencializadoras para uma mobilização e articulação política de resistências às práticas educacionais vividas por eles. Na continuidade, a matéria da Revista da Feneis, as autoras Thoma e Klein demonstram que a aquisição da identidade surda deve ser considerada de máxima importância, tendo em vista que a presença de professor surdo e o contato com a comunidade surda possibilitam ao surdo adquirir sua identidade.

Para ilustrar essa transição vivida na educação dos surdos, trago o exemplo do poema *Amig@ natureza*, onde as mãos são coibidas inicialmente e depois encontram nas árvores a alegria, a liberdade de expressão em língua de sinais. Do oralismo à aceitação e legitimação da língua de sinais, este poema traz a metáfora das mãos em movimento comparadas ao sinal de árvore, sendo a natureza evocada de maneira a demonstrar a felicidade dos surdos na descoberta dos sinais.

Na próxima seção quero dizer que pedagogia e cultura, dois conceitos muito importantes e produtivos para pensar o tempo presente com relação da minha análise dos poemas, nos ensinam, para isso faço uma breve descrição desses conceitos.

3.4. O QUE OS POEMAS NOS ENSINAM?

Os poemas a serem analisados nesta seção são:

- *Dia do Intérprete*
- *“Mão aberta, mão em garra”*
- *A fase do desenvolvimento do Surdo e Ouvinte*
- *Dia internacional de mulheres*

Sabemos que os poemas em língua de *sinais* nos dão uma ideia clara da relação dos estudos surdos, linguísticos e literários, mostrando a importância de dar valor ao conhecimento através da experiência visual. Os poemas em ABC consistem em trazer a realidade fonética das letras do alfabeto para a experiência visual dos surdos. A ordem alfabética é uma maneira de trazer para o poema em língua de *sinais* um arranjo, uma ordenação que as configurações de mão não possibilitam.

Temos os poemas ABC e 123, que seriam produções de fronteira, pois o alfabeto é da língua portuguesa, mas como na língua de *sinais* usa-se o alfabeto manual, então poderíamos considerar como uma fronteira entre as duas línguas, resultando em criações poéticas com elementos de ambas.

Iniciar a alfabetização utilizando textos interessantes para os alunos pode ser uma forma de melhorar a qualidade da aprendizagem. “Mas não pode ser uma publicação comum, de cartilha. É preciso escolher uma parlenda, uma fábula, algo com o que as crianças possam brincar²².” Para criar um poema ABC e 123 pode-se, a partir de cada letra do alfabeto ou letra do nome da pessoa/coisa/comemoração, compor uma ideia diferente. Tal criação também pode ser feita através de acróstico, onde os poemas criados serão sinalizados a partir de cada letra da palavra escolhida, seja um nome de uma pessoa ou uma palavra qualquer.

O formato ABC e 123 ilustra a fronteira entre duas línguas e dois meios de apreensão da linguagem, duas realidades vividas pelas pessoas surdas. Um exemplo de poema ABC que ilustra bem essa produção no Brasil é o poema de Nelson Pimenta, “Pintor A-Z”. Esta criação toma como temática a pintura e desenvolve o assunto usando as configurações de mão da letra A até Z de uma maneira muito criativa.

²² <http://www.cecb.edu.br/index.php/ensino-fundamental-i/1186-afinalcomo-ensinar-o-abc.html>.

Outro exemplo, dessa vez mais relacionado com a minha pesquisa, é o poema *Dia dos Intérpretes*. Este poema relatou o significado de cada letra das palavras D-I-A D-O-S I-N-T-E-R-P-R-E-T-E-S em relação do intérprete na comunidade surda. Este poema aproveita o tema “Datas comemorativas”, que eu já havia feito a distinção anteriormente como um dos assuntos recorrentes nas produções analisadas. Assim como esta data, outras também são assuntos de produções poéticas. Esta data, por exemplo, é de muito valor para os surdos, já que o intérprete é uma figura importante na comunidade surda. Também é possível abordar, por exemplo, o Dia do Surdo, a lei de língua brasileira de sinais, e assim por diante.

Em língua de sinais encontrei três poemas de mesma poetisa, onde ela apresenta datas comemorativas, e achei interessante, pois sinaliza o alfabeto ao contrário, tendo como referência a visão do espectador, e não de quem está sinalizando. É muito mais fácil ensinar os meses junto com as datas comemorativas. A explicação é simples: a cada mês temos uma data especial tanto no Brasil como no mundo! Várias escolas têm o seu projeto de incentivo às datas comemorativas.

Durante minhas análises, percebi que o tema das datas comemorativas se repete com vários poetas. Natal é um exemplo, inclusive com músicas natalinas traduzidas:



Imagem 18: Poetas do natal em língua de sinais

Fonte: (a) HENRI, Alan (b) MACHADO, Fernanda (c) SUZIN, Rosani ²³

²³ (a) *Feliz Natal Poesia em LIBRAS*. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=6ZXqoaNmm2w>. Acesso em 01 jun. 2012.

(b) *Árvore de natal* (2005).

(c) *Feliz Natal*. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=xGtxbl7tF4>. Acesso em 01 jun. 2012.

Além dos poemas que fazem referência aos elementos da cultura e da comunidade surda, existem outros poemas que não necessariamente se referem a tais assuntos, mas exploram outras questões, que fazem parte da realidade tanto dos surdos como dos ouvintes. Por exemplo, o Dia da Mulher, a comemoração do Natal. O diferencial desses poemas não é exatamente o que dizem sobre os surdos, mas sim a transposição para a língua de sinais de elementos sociais mais amplos. Nesse sentido é que existe a valorização das marcas da cultura surda.

Através desses poemas vemos a tentativa dos surdos em trazer o sentido para a vida dos surdos, fazer com que o mundo tenha significado através de produções linguísticas.

Saliento que alguns poemas valorizam o ensino do “ser surdo”. Em minha análise, os exemplos são: *A balé das mãos*, que mostra que o movimento das mãos no encontro entre os alunos do curso de Letras-Libras, que valoriza a própria língua de sinais. *Amig@ natureza*, é outro exemplo que mostra a transformação do sinal de “árvore” para sinal de “sinalizar”, em que as mãos foram salvas e o sujeito do poema pode usar a língua de sinais; por último, poema *A fase do desenvolvimento do Surdo e Ouvinte* que valoriza e compara os personagens, surdos e ouvintes, do início até o fim do poema.

Quanto ao poema *A fase do desenvolvimento do surdo e do ouvinte*, podemos pensar mais detalhadamente na maneira como o poema é composto a partir de uma analogia: a vida de um surdo e a vida de um ouvinte. Para cada uma das fases há uma maneira diferente de expressão através do uso de CM's diferentes, como uma estratégia de valorizar e marcar tal diferença. Para o nascimento as configurações utilizadas indicam a maneira de ser do surdo, com as palmas abertas. Já para o ouvinte a configuração utilizada é fechada.

Nesse mesmo poema, outro tema relevante é como a comunicação é usada pelo surdo e pelo ouvinte. Para o surdo o que é valorizado é o movimento da mão, já para o ouvinte o que é enfatizado é o movimento dos lábios. Em situações específicas de comunicação, como aulas, palestras ou ainda em relação à comunicação em ambientes virtuais, é marcada a maneira como cada sujeito procede: para os surdos é indicado que as mãos são utilizadas, tanto em frente a pessoas, presencialmente, quanto através de câmeras de computador; para os ouvintes, é enfatizado o uso de microfones, tanto aquele que é segurado na mão

quanto aquele que é acoplado ao ouvido. Outro aspecto é a diferença na comunicação através do uso do telefone, indicada através do envio de mensagens de texto pelos surdos e através do uso de conversas de voz, pelos ouvintes.

Estas produções analisadas colocam em circulação o valor do modo de vida numa comunidade minoritária, sendo uma nova maneira de compreender como chegamos a ser o que somos. Elas não são apenas produções que devem ser contempladas por sua beleza. A questão estética está atrelada às questões políticas vividas pelos surdos. A vida dos surdos pode, dessa maneira, ser valorizada pelos pais, pelas escolas, para que seja vista como algo que possui pluralidade.

A pedagogia cultural articula as questões da educação e da cultura, em qualquer lugar é possível transformar as experiências em conhecimento, o mesmo ocorre com os surdos em sua relação com a comunidade surda. É na comunidade que se desenvolvem as experiências, as produções poéticas e as narrativas, essa produção na comunidade pode ser caracterizada com pedagogia cultural. Na comunidade, ocorrem as construções de significados, emoções, prazeres, identidade, argumentação e planejamento do futuro, é um lugar de luta e relações de poder.

Entendo que os poemas nos ensinam, são pedagogias culturais. Os poemas em língua de sinais apresentam a resistência da comunidade e fortalecem o processo pedagógico.

Os professores que utilizam os poemas, tanto os descritos nessa dissertação, quanto tantos outros que circulam na comunidade surda, produzem significados que representam sujeitos, relações com outros e com o ambiente. A comunidade surda também apresenta diversidade cultural que compõe essa pedagogia cultural, não existe uma única cultura na comunidade surda e a literatura surda demonstra isso na forma com são apresentados os poemas e o que cada um ensina.

BAÚ DE POESIAS ESTÁ PRESTES A SER FECHADO...

A produção poética aqui no Brasil é muito recente, então foi necessário identificar como e onde ocorre essa produção. Além disso, a leitura visual dos poemas em língua de sinais exige repetidas leituras (visualizações) para tornar o sentido mais próximo, já que a cada leitura compreende-se mais e desfruta-se a descoberta de diferentes aspectos da poesia. Assim como descrito ao longo desta dissertação, retirei os poemas analisados do *YouTube*, do banco de dados do Projeto “Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira” (KARNOPP, KLEIN e LUNARDI-LAZZARIN, 2012) e de arquivos pessoais, pois identifiquei esses espaços como locais onde se concentram os registros.

A prática da criação de arquivos pessoais tem sido utilizada pelos surdos, pois com o acesso a novas tecnologia é cada vez maior a construção de arquivos de literatura e histórias da comunidade surda. Os projetos que surgem, como aquele a que tive acesso, têm como objetivo catalogar as produções da comunidade surda, mas as produções ocorrem em diferentes espaços e, por isso, a internet tem sido também um local de registro e busca.

A partir desta pesquisa foi possível identificar que há poemas diferentes: alguns acompanham as formas tradicionais da poesia escrita, outros criam novas maneiras de expressar ideias em língua de sinais.

A utilização de neologismos e de classificadores, explorando a visualidade, foram questões linguísticas recorrentes nas produções. Como em qualquer categoria, alguns poemas são vagos, com sentidos polissêmicos, enquanto outros são claros e fáceis de significar. Na língua de sinais os poemas que tratavam da história dos surdos, como a proibição de língua de sinais, foram facilmente compreendidos durante as primeiras visualizações, enquanto que os que tratavam de assuntos gerais, como natureza, precisaram de um olhar minucioso para compreensão.

Quanto à escolha dos sinais que compõem o poema, constatam-se como eles colaboram para interpretar o texto. A interpretação dificilmente será única, já que o poema pode sugerir múltiplos sentidos, dependendo de como se percebe o entrelaçamento dos fios que o organizam, ou seja, geralmente ele possibilita mais de uma interpretação. Metodologicamente, trabalhei com glosas, pois não se tratou de uma tentativa de tradução, mas identificação de elementos para a compreensão do

leitor.

Em minha pesquisa, inicialmente percebi a riqueza dos títulos dos poemas criados, traduzidos ou adaptados. Além disso, destaco a riqueza estética dos poemas, e sobre isso há muito para ser explorado no sentido de investigar o modo como a língua de sinais é utilizada nas produções poéticas. Além da análise de aspectos linguísticos da língua de sinais em poemas, as experiências narradas destacam as experiências vividas social ou educacionalmente pelos surdos, fatos históricos que são expressos de maneira a problematizar a experiência do Ser Surdo e as questões educacionais, entre outras. Para analisar as experiências narradas, a minha própria experiência surda serviu como instrumento, pois já vivi muitas coisas como as que foram expressas nos poemas. As produções poéticas, sob o viés da Pedagogia Cultural, reafirmam a importância do professor surdo e do relato das suas experiências por meio da língua de sinais e da Literatura Surda.

A Literatura Surda, como área de pesquisa que vem se fortalecendo a partir dos cursos de Letras-Libras, vem possibilitando que muitos registros e estudos sejam realizados. Antigamente os poemas em língua de sinais se perdiam, com a falta de registro e efetiva troca entre as comunidades surdas. Esse movimento de registro dos poemas (impresso ou digital) vem favorecendo a criação poética, sendo que as produções de novos textos em língua de sinais vêm ganhando força em quantidade e também, força estética e temática, servindo como fortaleza, um local seguro para a comunidade surda, onde a cultura e a língua são preservadas.

Em grande parte das produções analisadas, nos poemas criados aparecem também as narrativas de si, em que são valorizadas as experiências e vivências dos surdos, como um modo de viver o orgulho assumido. Segundo Sutton-Spence (2008) “usar a poesia para empoderar os membros da comunidade surda por meio da criação de formas de língua para descrever as imagens positivas da experiência de pessoas surdas é uma forma de ser surdo”. (p. 330).

Esse empoderamento produz novas maneiras de os surdos se reconhecerem como sujeitos, estando mais abertos à transformação através da linguagem, seja através do teatro, das narrativas, etc. Os poemas vêm sendo explorados também como estratégias pedagógicas, sendo um recurso para alcançar objetivos pedagógicos. Pelo fato de serem textos mais livres, trabalhados de maneira estética, os surdos se sentem atraídos e pelo que os poemas dizem e pela forma como

dizem.

Com o aumento dos registros dos poemas em língua de sinais, observa-se o surgimento de novos poetas surdos, e as produções poéticas entusiasma muitas pessoas. Através dos poemas pode-se perceber a complexidade da língua e a capacidade de interiorização da linguagem poética. Os surdos têm acesso ao mundo e ao conhecimento através da língua e da sua cultura, e percebem a diferença entre a língua como comunicação e como forma de arte, com uma percepção visual muito forte.

Por fim, não há definição geral de poesia que seja totalmente satisfatória a partir de uma visão única. Há diferentes definições de poesia. É preciso investigar sua forma, função e contexto social, ampliando o entendimento das possibilidades estéticas de seu texto, tanto escrito como sinalizado. Este foi o caminho investigativo trilhado nessa dissertação, ou seja, através das análises dos aspectos temáticos, no capítulo que identifica experiências narradas e o que os poemas ensinam, busquei apresentar as poesias como parte da Literatura Surda e como uma pedagogia cultural. Assim como salientei anteriormente, não existe uma única forma de se produzir os poemas, mas analisá-los é uma tarefa que nos leva à compreensão da história literária da língua de uma comunidade.

O baú de poesias está prestes a ser fechado. Mas espere! Não podemos fechá-lo! É preciso mantê-lo entreaberto, para que esses poemas continuem nos provocando sensações, leituras e vivências diferentes, além de muitos outros estudos que podem ser desdobrados futuramente!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual.**

Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

CANCLINI, N. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização.** Tradução de Maurício Santana Dias. 7.ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

CAVALCANTI, Marilda. Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil. **DELTA [online]**. vol.15, n.spe, p. 385-417. 1999.

CICCONE, Marta. **Comunicação Total - Introdução, estratégia a pessoa surda.** Rio de Janeiro: Cultura Médica. 1990.

COSTA, Marisa. (Org.). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação.** Rio de Janeiro: DP&A. 2002.

COSTA, Marisa Vorraber e ANDRADE, Paula Deporte de. **Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas.** 36ª Reunião Nacional da ANPEd – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO.

GOLDSTEIN, Norma. **Romanceiro da Inconfidência, de Cecília Meireles.** Filologia e Lingüística Portuguesa. n. 3, p.221-224, 1999.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e realidade.** Porto Alegre, n.22, p.15-46, jul/dez.1997.

HALL, Stuart. The work of representation. In: HALL, Stuart (org.) representation: **Cultural representations and Signifying Practices.** Sega/Open University: London/Thousand Oaks/New Delhi, 1997.

KARNOPP, Lodenir. Educação Bilíngue para surdos: Ao que estamos sinalizando?. In: FREITAS, Déborah (Org.). **Formando e (re) construindo redes de conhecimentos**. Boa Vista: Ed. UFRR. p. 15 – 38. 2012.

KARNOPP, Lodenir. Material de estudos da disciplina de Literatura surda. **Curso de licenciatura em Letras-Libras**. Florianópolis-SC: UFSC. 2006.

KARNOPP, Lodenir. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Cadernos de Educação**. Pelotas, n.36, p.155-174, mai/ago.2010.

KARNOPP, Lodenir. B. Aquisição Fonológica na Língua Brasileira de Sinais: **estudo longitudinal de uma criança surda**. PUCRS, 1999. 273 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1999.

KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia. **Relatório final do Projeto Produção, Circulação e Consumo da Cultura Surda Brasileira**. Porto Alegre, 2012. (material impresso)

KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia. Produção, circulação e consumo da cultura surda brasileira. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN (Orgs.). **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. Ulbra. 2011. P. 15 - 40.

LIMA, Sérgio. **A aventura surrealista**. Tomo 1. Campinas: UNICAMP; São Paulo: UNESP; Rio de Janeiro: Vozes. 1995.

MCCLEARY, Leland. **O orgulho de ser surdo**. São Paulo: FENEIS-SP, 2003 (Comunicação oral).

MEGALE, Antonieta. Bilingüismo e educação bilíngüe - discutindo conceitos. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – **ReVEL**. V.3, n.5. agosto de 2005.

MORGADO, Marta. Literatura em língua gestual. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN (Orgs.). **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. Ulbra. 2011. P. 151 – 172.

MOURÃO, Cláudio. Literatura surda: produções culturais de surdos em língua de sinais. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN (Orgs.). **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. Ulbra. 2011. P. 71 – 90.

MIANES, Felipe; MÜLLER Janete; FURTADO, Rita. Literatura surda: um olhar para as narrativas de si. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN (Orgs.). **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. Ulbra. 2011. P. 55 - 70

PERLIN, Gladis; MIRANDA, Jeferson. Tendências – Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**. Florianópolis, n.05, p. 217 - 226, 2003.

PERLIN, G. Identidades Surdas. In: SKLIAR (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998. p. 51 – 73.

PERLIN, Gladis e REIS, Flaviane. Surdos: cultura e transformação contemporânea. In: PERLIN, Gladis e STUMPF, Marianne (Orgs.). **Um olhar sobre nós surdos: Leituras contemporâneas**. Curitiba: Editora CRV. 2012. p.29 – 45.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin, Material de estudos da disciplina de Fundamentos na Educação de Surdos. **Curso de licenciatura em Letras-Libras**. Florianópolis-SC: UFSC. 2008.

PIZZIO, Aline el at. e. Material de estudos da disciplina de Língua Brasileira de Sinais III. **Curso de licenciatura em Letras-Libras**. Florianópolis-SC: UFSC. 2008.

QUADROS, Ronice. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice. KARNOPP, Lodenir **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice; SUTTON-SPENCE, Rachel. Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda. In: QUADROS, Ronice. **Estudo Surdos I**. Petrópolis: Arara Azul. 2006. Cap. 4, p. 110-159.

ROMAINE, Suzane. **Bilingualism**. 2.ed. Malden, MA: Blackwell, 1995.

ROSA, Emiliana. Identidades Surdas: o identificar do surdo na sociedade. In: PERLIN, Gladis e STUMPF, Marianne (Orgs). **Um olhar sobre nós surdos**: Leituras contemporâneas. Curitiba: Editora CRV. 2012. p. 21 – 28.

REIS, Flaviane. Professores Surdos: Identificação ou Modelo?. In: QUADROS, Ronice. **Estudo Surdos II**. Petrópolis: Arara Azul. 2007. Cap. 3, p. 86-99.

REZENDE, Patrícia Luiza. **Implante coclear na constituição dos sujeitos surdos**. Florianópolis: UFSC, 2010. 164 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

SANTOS, Ângela el at. e. Diferentes usos da cultura surda na literatura: a língua de sinais atravessada por marcas culturais e ressignificada nos processos de inclusão. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN (Orgs.). **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. Ulbra. 2011. P. 41 – 54.

SCHALLENBERGER, Augusto. A metáfora do aprender a ser surdo. In: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN (Orgs.). **Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações**. Canoas: Ed. Ulbra. 2011. P. 113 – 120.

SILVA, Tomaz. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica. 2002.

SILVA, Tomaz. **Identidades terminais: as transformações na política da pedagogia na pedagogia da política**. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

SILVEIRA, Rosa M.H. et al. **Deficiência e infância: representações de cegos e cadeirantes na literatura infantil contemporânea**. In: _____. A diferença na literatura infantil: narrativas e leituras. São Paulo: ed. Moderna, 2012.

SILVEIRA, Carolina. **O currículo de língua de sinais na Educação de surdos**. Florianópolis: UFSC, 2006. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

SILVEIRA, Carolina. O ensino de Libras em escolas gaúchas para surdos: um estudo de currículos. **Revista “Educação Especial”** n. 31, p. 85-94. 2008.

SILVEIRA, Carolina; ROSA, Fabiano; KARNOPP, Lodenir. **Cinderela Surda**. Canoas: Ed. ULBRA, 2003.

SKLIAR (Org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SUTTON-SPENCE, Ranchel. British Sign Language poetry: A linguistic analysis of the Dorothy Miles. In V. DIVELY, M. Metzger, S. **Signed language Discoveries from international research**. Washington Dc: Gallaudet University Press. Taub & A. M. Baer (eds.). 2001. P. 231 – 242.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura surda**. Porto Alegre: UFRGS, 2013 (Comunicação sinalizada)

SUTTON-SPENCE, Rachel. Imagens da Identidade e Cultura Surdas na Poesia em Línguas de Sinais. In: QUADROS, Ronice (Org.). **Questões teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais**. Florianópolis: Arara Azul. 2008. p. 329-339.

THOMA, Adriana; KLEIN, Madalena. Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condições de possibilidade para uma educação de surdos no Brasil. **Cadernos de Educação**. Pelotas, n. 36, p. 107-131, maio/agosto. 2010

VILHALVA, Shirley. A ameaçada escola de surdos.. In: SÁ, Nídia Regina L. **Surdos: Qual escola?** Manaus: Editora Valer e Edua. 2011. Cap. 2, p. 63- 76

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, Culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação**. n. 23, p. 05-15, maio/jun/jul/ago. 2003

WRIGLEY, Owen. **The politics of deafnes**. Washington: Gallaudet Universty Press. 1996.

POEMAS ANALISADOS

BLOGGER AARONCM. **Poema concreto**. Disponível em: <http://aaronclauss.blogspot.com.br/2010/08/poema-concreto.html>. Acesso em 07 mai 2012.

COUTO, Alexandre Dale. **O Cravo e a Rosa**. Santa Maria, 2006, 0:51 (vídeo em língua de sinais).

DUARTE, Rosana Grasse. "**Mão aberta, mão em garra**". Rio de Janeiro, 1999, 0:41 (vídeo em língua de sinais).

DUARTE, Rosana Grasse. **Amig@ natureza**. Rio de Janeiro, 1999, 1:01 (vídeo em língua de sinais).

ESCOLA ESPECIAL CONCÓRDIA. **I Semana da Comunicação Total**. Porto Alegre, 1990. (material impresso)

FADERS. **Prato e Letras**. Porto Alegre, 2006. (material impresso)

HEINZELMANN, Renata. **Formatura** Canoas, 2008, 4:08. (vídeo em língua de sinais)

HENRI, Alan. **Feliz Natal Poesia em LIBRAS**. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=6ZXqoaNmm2w>. Acesso em 01 jun. 2012

KLEIN, Alessandra; MOURÃO, Claudio. **As luvas mágicas do Papai Noel**. Porto Alegre: Cassol, 2012.

MACHADO, Fernanda. **Árvore de natal**. Rio de Janeiro, 2005.(vídeo em língua de sinais)

MARTINS, Francielle Cantarelli. **Cachorro**. Santa Maria, 2006, 1:39 (vídeo em língua de sinais).

RANGEL, Denise. **A cegueira revisitada**. Rio de Janeiro: Roda de leitura, 2008. Disponível em: <http://rodadeleitura.drang.com.br/a-cegueira-revisitada/>. Acesso em 15 ago. 2013.

ROMEU, Daniel. **Tartaruga**. Santa Maria, 2006, 1:02 (vídeo em língua de sinais).

SEGALA, Rimar. **Dia internacional da mulher**. Youtube. 2009. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=ZjVnIV1wDmE>. Acesso em: 12 jan. 2014.

SILVA, Reginaldo. **A Branca de Neve e os Sete Anões**. Youtube. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=v3XFrLiDGml> . Acesso em 05 ago 2013.

SILVA, Vinicius Pimenta. **Poema Mundo**. In: Breve história sobre o Concretismo: do surgimento até a atualidade. Disponível em: <http://literatortura.com/2013/10/breve-historia-sobre-o-concretismo-do-surgimento-ate-a-atualidade-ahoradopoesia/>,

Acesso em 11 dez. 2013.

SILVA, Wilson. **O modelo do Professor Surdo**. Porto Alegre, 2012, 2:30 (vídeo em língua de sinais).

SILVA, Wilson; s/sobrenome, Bruno. **A fase do desenvolvimento do Surdo e Ouvinte**. Porto Alegre, 2012,9:04 (vídeo em língua de sinais).

SUHR, Mandy; GORDON, Mike. **Audição**. São Paulo: Scipione, 1998.

SUZIN, Rosani. **Dia dos Intérpretes**. Youtube. 2011. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=AvwOhefZrBA>. Acesso em: 11 jul. 2013.

SUZIN, Rosani. **Feliz Natal**. Youtube. 2011. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=xGtxbl7tF4>. Acesso em 01 jun. 2012.

S/sobrenome. Alexandra, Juliana e Tamires. **Você precisa ser surdo para entender**. Porto Alegre, 2012, 3:36 (vídeo em língua de sinais).

S/sobrenome, Márcio. **O balê das mãos**. Porto Alegre, 2012,1:57 (vídeo em língua de sinais).

VALLI, Clayton. **ASL Poetry**. San Diego, 1995 (vídeo em língua de sinais)

ANEXO

ANEXO A: DVD dos poemas



ANEXO B: Tabelas dos poemas em língua de sinais

Título		Autor@	Data	Duração	Coleta	tradução, criação e adaptação
1	A casa Vinicius de Morais	Tradutor@: Kátia Andréia, Cyntia França, Lourdes Maria, Hermínio Tavares	2010	01:01	Banco de dados Bel - UEPA	Tradução
2	A esperar Luis Eduardo Barros Ferreira	??? Carlos, Marcia e Elaine	2010	03:16	Banco de dados BEL - IFET/GO	???
3	A estrela Manuel Bandeira	Tradutor@ Cristiano, Elianderson e Fabiane	2010	01:51	Banco de dados BEL - UFES	Tradução
4	A Fase do desenvolvimento do surdo e ouvinte	Contação: Adriana, Bruno, Marta, Tatiane e Wilson	2010	09:04	Banco de dados n/i - Unicamp	Criação
5	A natureza 4 poemas juntos	Contação: Bruna Silva, Janaína Kosztrzepa, Juliano dos Santos e	2010	10:29	Banco de dados LIC - UFPr	Criação

		Rodrigo Nogueira				
6	A sutil diferença entre amor e a amizade	Tradutor@: Gilvane Gianchini, Jean Bernardini, Marines Gonçalves e Tania de Campos	2010	06:08	Banco de dados BEL - UFSC	Tradução
7	A viagem	???:	2010	01:31	Banco de dados n/i - Unicamp	???
8	Achei um grande amigo Charlies Willian	Tradutor@: Eber, Edgar, Gleydson	2010	05:47	Banco de dados LIC - UFES	Tradução
9	Amig@ natureza	Rosana Duarte Grasse	2008	01:01	Pessoal	Criação
10	Apaixonar	Ian Nicolau Rosadas	2007	00:41	Letras/Libras 2006	Criação
11	Arvore de natal	Fernanda Machado	2005	17:16	LSB	Criação
12	As borboletas Vinicius de Morais	Tradutor@: Josiane de Jesus Oliveira	2010	01:12	Banco de dados n/i - UFPr	Tradução
13	As diferentes estações	???: Ingrid Dannia, Ingrid, Ivone, Lucélia e Maria Cristina	2010	07:32	Banco de dados BEL - UnB	???

14	As quatro estações	???: Rosane Favoreto da Silva e Fabiana Cechin Ribas	2010	01:56	Banco de dados BEL - UFPr	???
15	Bandeira Brasileira	Nelson Pimenta	1999	02:09	LSB	Criação
16	Bilinguismo junto com Libras	Contaçon Marcelo Costa Fernanda Jacob e Marcelo Costa	2010	02:26	Banco de dados LIC - UFES	Criação
17	Borboleta	Renata Heinzelmann	2007	02:01	Letras/Libras 2006	Criação
18	Cachorro	Francielle Cantarelli Martins	2007	01:41	Letras/Libras 2006	Criação
19	Carinhoso Marisa Monte	Tradutor@: Naiane juliano, Lívia, Mirian, Naiane, Rafael e Selma	2010	01:54	Banco de dados BEL - Unicamp	Tradução
20	Casinha	???: Filipe Farias	2010	03:17	Banco de dados BEL - UFSC	???
21	Cativar	???: Francis Barros Francis Barros e Marcos Brabo	2010	01:38	Banco de dados BEL - UFPr	???
22	Chimarrão	Claudio Mourão	2010	02:50	Site: Literatura Surda	Criação

23	Cuida bem natureza Gleudson Melo	??? Alinny Nogueira, Núbia Faria, Géssica Costa, Jucineide	2010		Banco de dados BEL - IFET/GO	???
24	Dentro do coração	Carolina Sperb	2007	00:40	Letras/Libras 2006	Criação
25	Dia do Interprete	Rosani Suzin	2011	03:49	Youtube http://www.youtube.com/watch?v=AvwOhefZrBA	Criação
26	Dia Internacional da Mulher	Rimar R. Segala	2009	01:59	Youtube https://www.youtube.com/watch?v=ZjVnIV1wDmE	Criação
27	É alegria Aline da Silva	Contaçon indiará	2010	02:15	Banco de dados LIC - UFRGS	Tradução
28	E o paraíso	Contaçon Eber, Edgar, Gleydson	2010	03:19	Banco de dados LIC - UFES	Criação
29	Feliz Natal	Rosani Suzin	2009	02:19	Youtube http://www.youtube.com/watch?v=xeGtxbl7tF4	Criação
30	Feliz Páscoa	Rosani Suzin	2009	08:58	Youtube http://www.youtube.com/watch?v=OaHjYILUVg4	Criação
31	Flor	Eduardo Gheller Morschbacher	2007	00:45	Letras/Libras 2006	Criação

32	Formatura	Renata Heinzelmann	2008	30:15 34:20	Pessoal	Criação
33	Genocídio Emmanuel Marinho	Tradutor@: Aurélio, Caroline, Claudineya e Tatiane	2010	03:26	Banco de dados BEL - UFGO	Tradução
34	Letras/Libras	Claudio Mourão	2007	01:03	Letras/Libras 2006	Criação
35	<i>Mão aberta e mão em garra</i>	Rosana Duarte Grasse	2008	00:40	Pessoal	Criação
36	Mãos	Contação: Aurélio Aurélio, Caroline e Claudineya	2010	01:01	Banco de dados BEL – UFGO	Criação
37	Mãos inquieta	Contação André, Camilla, Claudia, Ivanete e Renata	2010	01:34	Banco de dados n/i - Unicamp	Criação
38	Mãos que falam	Falha				
39	Mãos que falam Odila Lang	???:Elisama Boeira Elisama, Rejane e Eliandra	2010	01:46	Banco de dados BEL - UFGO	???
40	Menino surdo	Contação Eleonora	2010	07:05	Banco de dados LIC -UFRGS	Criação

		Scheid				
41	Mente escura	<p>Contação: Eduardo Tanaka</p> <p>Anderson Gonçalves, Eduardo Tanaka e Rafaela Hoebel (Video não aparece)</p>	2010	02:22	<p>Banco de dados LIC - UFPr</p>	Criação
42	Metade Oswaldo Montenegro	<p>Tradutor@: Elisama, Rejane e Eliandra</p>	2010	02:42	<p>Banco de dados BEL - UFGO</p>	Tradução
43	Meu abraço (Inclusão)	Alexandre Melendez	2012	02:01	<p>Youtube http://www.youtube.com/watch?v=168SQAQIJMc&list=PLBCE1E35CE2121DC8</p>	Criação
44	Mundos	<p>Contação: Lívia Bezerra Vilas Boas</p> <p>Lívia Bezerra Vilas Boas, Naiane Olah, Juliano Prates, Selma Cardoso, Mirian</p>	2010	01:45	<p>Banco de dados BEL - Unicamp</p>	Criação

		Caxilé, Rafael Miguel e Selma				
45	Nascimento	Gilmar Vaz	2007	00:37	Letras/Libras 2006	Criação
46	Navio pirata surdo	Contação: Eduardo, Rivaldo e Alessandro	2010	05:35:00	Banco de dados BEL - IFET/GO	Criação
47	Noite Fria	Contação: Lívia Bezerra Vilas Boas Juliano, Lívia, Mirian, Naiane, Rafael e Selma	2010	00:51	Banco de dados BEL - Unicamp	Criação
48	Número Sargento	Claudio Mourão	2010	01:26	Site: Literatura Surda	Criação
49	O balê das mãos	Contação: Marcio Marcio e Ellery	2010	02:02	Banco de dados LIC - UFRGS	Criação
50	O barco Música: L'Alsasienne-Adagietto	Tradutor@: Ademar Miller Jr., Elisangela M. Bertoli, Flavio Costellar	2010	01:38	Banco de dados LIC - UFES	Tradução
51	O cravo e a rosa	Alexandre Dale Couto	2007	00:52	Letras/Libras 2006	Criação
52	O gato (com e sem	Tradutor@:	2010	03:33	Banco de dados n/i - Unicamp	Tradução




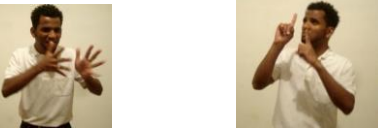
	legenda) Vinicius de Morais	Alexssandro, Luciana, Teresa e Maria Carolina				
53	O modelo do professor surdo	Contação: Adriana, Bruno, Marta, Tatiane e Wilson	2010	02:29	Banco de dados n/i - Unicamp	Criação
54	O rei do rio Paulo Robson de Souza	Tradutor@: Alexandra, Juliana e Tamires	2010	01:00	Banco de dados BEL - UFGO	Tradução
55	O substantivo e o adjetivo Sem autor	Tradutor@: Ângela e Márcia	2010	01:54	Banco de dados BEL - UFSC	Tradução
56	O tempo Mario Quintana	Tradutor@: Janaína dos Santos Janaína dos Santos; Kelen Dolejal; Maíra Rial	2010	04:20	Banco de dados BEL - UFRGS	Tradução
57	Olhar	Carine Diesel	2007	01:24	Letras/Libras 2006	Criação
58	Ovelhas	Rimar R. Segala	2010	04:22	Youtube https://www.youtube.com/watch?v=tOzvLpOceEI	Criação

59	Pela luz dos olhos teus	???: Maria, Eliziane, Jiane, Josiane e Lorena	2010	01:23	Banco de dados n/i - UFPr	???
60	Pode me chamar	??? Admilson Dias, Francilene Machado e Pedro Henrique Macedo	2010	04:33	Banco de dados BEL - IFET/GO	???
61	Poesia em Libras	Falha				
62	Proibido implante coclear	Contação: Fabrício Mähler Ramos Fabrício Mähler Ramos, Flávia Miranda Brito, Marcelo Sander e Lucila dos Santos Vales	2010	04:03	Banco de dados LIC -UFRGS	Criação
63	Saudade de um amigo Miriam Wartusch	Tradutor@: Valquiria Avancini	2010	03:19	Banco de dados LIC - UFES	Tradução
64	Saudades amor	Contação Lisnara	2010	02:15	Banco de dados LIC –UFRGS	Criação
65	Sem título	Contação	2010	02:24	Banco de dados BEL - IFET/GO	Criação

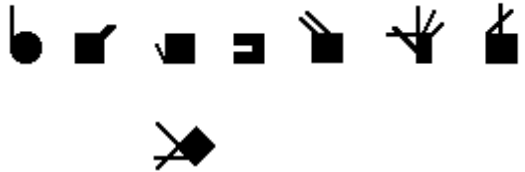








		Joice Rosa, Lays Rosa, Marcia Matias e Thiago Aguiar				
66	Soneto de separação Vinicius de Morais	Tradutor@: Cláudia e Tatiane.	2010	01:33	Banco de dados BEL - UFGO	Tradução
67	Tartaruga	Daniel Lopes Romeu	2007	01:00	Letras/Libras 2006	Criação
68	Uma tradução que quase não saiu Carlos Drumond de Andrade	Tradutor@: n/i	2010	02:53	Banco de dados BEL - UFGO	Tradução
69	Uma viagem pelo mundo	Tradutor@: Arnaldo, Fabiana, Luana e Waine	2010	01:34	Banco de dados BEL - UFES	Tradução
70	Valorização da Cultura Surda	Falha				
71	Visualizando Deus	???: Jucineide Eduardo e Jucineide	2010	06:06	Banco de dados LIC - IFET/GO	???
72	Você precisa ser surdo para entender	Contação: Alexandra, Juliana e Tamires	2010	03:35	Banco de dados n/i - UFGO	Adaptação

ANEXO C: Tabelas das minhas análises.

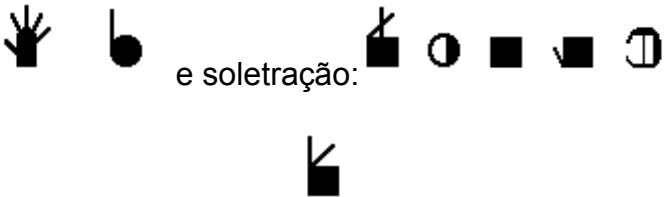


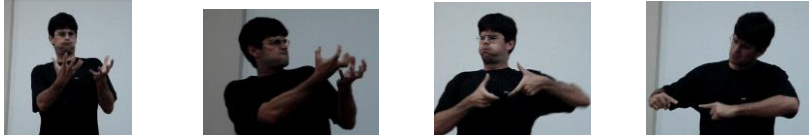
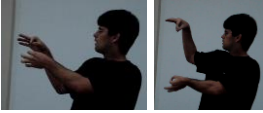

- Análise do poema *O modelo do professor surdo*

Nível fonológico	
Configuração de mão	
Movimento	
Locação	Espaço neutro
Nível lexical	
Neologismo	X
Classificador	 <p>Cabeça-alun@s Mochila Bolsa</p> <p>Duas pessoas (lado e outro lado):</p>  <p>Fluente Não fluente</p>

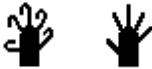
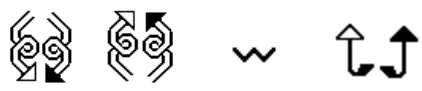






➤ Análise do poema *Dia do Intérprete*

Nível fonológico	
Configuração de mão	Soletração: 
Movimento	
Locação	Espaço neutro
Nível lexical	
Neologismo	  Companheir@ (CM ) Envolvimento  Flexão do dedo mínimo alteração com extensão
Classificador	  Caminhar (CM ) Dente/Sorriso – Alegria


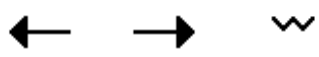
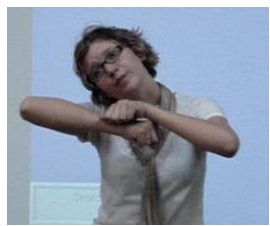

➤ Análise do poema *O cravo e a rosa*

Nível fonológico	
Configuração de mão	 <p>e soletração:</p>
Movimento	
Localção	Espaço neutro
Nível lexical	
	 <p>Mão aberta – Alegre Mão fechado – Triste</p>
Neologismo	 <p>Ramalhete Exuberante Apaixonar Flores mortas</p>
Classificador	 <p>Tamanho da flor</p>  <p>Personagem (Metáfora dois mundos)</p>

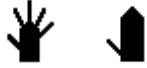

➤ Análise do poema “*Mão aberta, mão em garra*”

Nível fonológico	
Configuração de mão	
Movimento	
Locação	Cabeça, Ombro, Barriga
Nível lexical	
Neologismo	X
Classificador	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: flex-start;"> <div style="text-align: center;">  Nuvens </div> <div style="text-align: center;">  Mar </div> <div style="text-align: center;">  Mundo </div> </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: flex-start; margin-top: 10px;"> <div style="text-align: center;">  Anjo </div> <div style="text-align: center;">  Sereia </div> <div style="text-align: center;">  Mulher </div> </div>


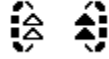






➤ Análise do poema **Cachorro**

Nível fonológico	
Configuração de mão	
Movimento	
Locação	Espaço neutro
Nível lexical	
Neologismo	X
Classificador	<div style="display: flex; justify-content: space-around; align-items: center;"> <div style="text-align: center;">  <p>Cachorro deitado</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Rabo do cachorro</p> </div> </div>


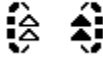
➤ Análise do poema *Tartaruga*

Nível fonológico	
Configuração de mão	
Movimento	
Locação	Lado
Nível lexical	
Neologismo	X
Classificador	 <p>Asa da tartaruga</p>






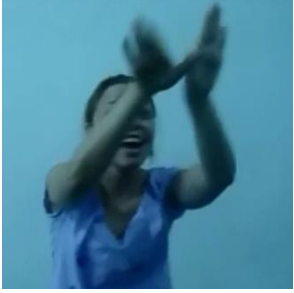
➤ Análise do poema *A fase do desenvolvimento do Surdo e Ouvinte*

Nível fonológico	
Configuração de mão	
Movimento	
Locação	Espaço neutro
Nível lexical	
Neologismo	X
Classificador	   <p>Nascer-surd@ Nascer-ouvinte Mãos dados dos pais</p>
	   <p>Falar-celular Casamento Gravidez</p>

➤ Análise do poema *O balê das mãos*

Nível fonológico	
Configuração de mão	
Movimento	
Locação	Espaço neutro
Nível lexical	
Neologismo	X
Classificador	X

➤ Análise do poema *Amig@ natureza*

Nível fonológico	
Configuração de mão	
Movimento	
Locação	Espaço neutro, cabeça
Nível lexical	
Neologismo	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;">  Oralização </div> <div style="text-align: center;">  Arvoré-carinho </div> <div style="text-align: center;">  Arvore-sem-fone </div> </div>
Classificador	 Ave ou borboleta voando

➤ Análise do poema *Dia internacional da mulher*

Nível fonológico	
Configuração de mão	
Movimento	
Locação	Espaço neutro, peito
Nível lexical	
Neologismo	<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="text-align: center;">  <p>Porta trancada</p> </div> <div style="text-align: center;">  <p>Pessoa queimada-fogo</p> </div> </div>
Classificador	<div style="text-align: center;">  <p>Muitas-pessoas morreram</p> </div>

ANEXO D: Modelo do termo de consentimento livre e esclarecido



FACULDADE DE EDUCAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a), como voluntário (a), a participar da pesquisa: **Pedagogia cultural em poemas da língua brasileira de sinais**, desenvolvida por Renata Ohlson Heinzemann Bosse, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação da Profa. Dra. Lodenir Becker Karnopp.

Essa pesquisa pretende analisar as atividades produzidas em Libras e disponibilizadas os vídeos, que foram realizadas por alunos do curso de Letras-Libras, no pólo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na disciplina de Literatura.

O objetivo desse projeto é analisar as produções em Libras que representam a Literatura Surda em nosso país. Dentre os objetivos específicos pretendemos (a) coletar os dados e materiais disponibilizados vídeos em forma de narrativas/poemas; (b) identificar nesses materiais as marcas da Literatura Surda.

Para o desenvolvimento da pesquisa serão usadas as apresentações de trabalhos na aula presencial realizados na disciplina de Literatura de alunos do curso de Letras/Libras – Pólo UFSM.

GARANTIA DE ESCLARECIMENTO E LIBERDADE DE RECUSA:

Você será esclarecido (a) sobre a pesquisa em qualquer aspecto que desejar. Você é livre para recusar-se a participar, retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não irá acarretar qualquer penalidade.

Os resultados da pesquisa serão divulgados em revistas da área, em livros e eventos. A utilização das imagens será restrita aos ambientes acadêmicos de

apresentação de resultados da pesquisa.

CUSTOS DA PARTICIPAÇÃO, RESSARCIMENTO E INDENIZAÇÃO POR EVENTUAIS DANOS:

A participação no estudo não acarretará custos para você e não estará disponível nenhuma compensação financeira adicional.

Em caso de dúvidas você poderá chamar a estudante/pesquisadora Renata Ohlson Heinzelmann Bosse no email: reheinzel@gmail.com e Dra. Profª Lodenir Karnopp, email: lodenir.karnopp@ufrgs.br .

DECLARAÇÃO DO (A) PARTICIPANTE OU DO RESPONSÁVEL PELA PARTICIPAÇÃO:

Eu _____ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão se assim o desejar. A estudante/pesquisadora Renata Ohlson Heinzelmann Bosse e a Dra. Profª Lodenir Karnopp certificaram-me de que todos os dados desta pesquisa serão preservados conforme esclarecimentos neste termo de consentimento.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Data: _____

Assinatura do (a) participante